

andré boniatti

A Paixão de Cristo
(Em Três Visões)

Primeira Edição, do autor
2011

A aquisição desta obra escrita não representa sua liberação para encená-la, teatralizá-la, fragmentá-la ou usá-la de qualquer forma em palco, como montagem de qualquer espécie, performance ou outros, não sendo permitido o seu uso ainda em meios midiáticos, vídeos ou filmagens diversas, como cinematográficas, ou como meio de divulgação ou promoção; sendo vedado assim qualquer uso externo à leitura da mesma, a não ser mediante devida autorização do autor. Qualquer infração nesse sentido será julgada e penalizada conforme as Leis e os Direitos que a protegem.

Para quaisquer assuntos nesse sentido, fale diretamente com o autor em zeforis@hotmail.com.

*a paixão conforme o **homem***

*a paixão como **destino***

*a paixão segundo o **AMOR***

NOTA DO AUTOR

“A Paixão de Cristo (Em Três Visões)” é parte de um caloroso estudo apaixonado, não ambicioso nem tampouco científico, sobre os dobres e desdobres da figura mítica e humana do nazareno Jesus e de seus concidadãos realizado por mim no decorrer de minha adolescência e juventude (e não como estudo, mas tão pura paixão). A figuração lírica da obra vem em consonância com a mesma imaginação lírica do autor em virtude da busca de interiorização da matéria histórica daquele que viera ser chamado Cristo, distante da imagem ríspida das igrejas e das doutrinas. A diferenciação, quando se dê, de uma das três obras a outra, espero conduza a uma *reflexão* interior da alma atuante sob a palavra, poeticamente, não à matéria teológica ou doutrinária, nem ao estudo científico das revistas atuais místicas e não místicas. A recorrência de textualidades idênticas de uma obra a outra, perceba o leitor ser tecido de palco, como tecido que veste a aura do pensamento metafísico interiorizado também por mim sobre o conduto do *messias crido* em sua geografia secular. Portanto, façam-se desses textos matéria de encanto, não de holocausto, doutrina ou perturbação.

O Julgamento de Cristo

a paixão conforme o homem

– TERCEIRO TEATRO DA PAIXÃO –
O JULGAMENTO DE CRISTO

Jesus e Satã estão no palco, um a um lado, outro ao outro. Jesus olha esguio, fraco, no deserto.

JESUS: Que queres?

SATÃ: Come, Jesus.

JESUS: Não tenho fome.

SATÃ: Mata a tua sede, ao menos; mas come, Jesus.

JESUS: Já disse que não tenho fome!

SATÃ: Tem, Jesus, *(sob o olhar de Satã, Jesus se curva de fome)* ...não é a fome comum dos homens, nem é a dor dos glutões. Mas tu estás horrível, Jesus. Mata ao menos tua sede, mas mata!

JESUS: Minha sede... nem quilômetros destas águas, nem as fontes, nem os rios saciariam jamais.

SATÃ: Então é esta, Jesus, é esta a tua dor? ...Dá-me ela a mim, Jesus?

JESUS: Que queres comigo, errante sem préstimo? Dize!

SATÃ: *(silêncio; oferece)* Tu'alma... Jesus...

JESUS: Minh'alma... Minh'alma não é minha. Mesmo que eu quisesse, minh'alma não é minha. Não te posso dá-la, errante... ela não me pertence jamais.

SATÃ: Então por isso vieste ao deserto, Jesus...? Te sentires na pele deles...? Entender-lhes a dor...? Ela não é tua, Jesus!

JESUS: Ela não é minha.

SATÃ: E em razão de quê? Da credence tua, e que queres que creiam também. Jesus: A todos, dou-lhes crer na tua fé. Ninguém, jamais, até o fim da existência, sentirá necessidade ou falta, nem haverá fome no mundo nem carência de nada. Não haverá horror, nem mesmo dor. Chegarão enfim a conhecer a paz. Dá-me tu'alma apenas... pra mim... Senhor...

JESUS: Por si mesmo que o homem se salva, e pela própria vontade é que o faz!

SATÃ: Faça-o, Jesus, tu mesmo, assim... (*aponta-lhe a entrega*)

JESUS: Virão vencer a si próprios para merecerem subir...

SATÃ: Não farão, Jesus. Queres saber por quê? Porque és um egoísta, és um teimoso, Jesus, arrogante! Ninguém pode ser o próprio Deus encarnado.

JESUS: Que queres de mim?

SATÃ: Olha, Jesus! Joga teu olhar ao longe; às distâncias que só nós, irmãos em espírito, poderemos alcançar. Vê o

passado, o presente, tudo o que há de vir, olha, Jesus, olha para o longe! Sobre tudo isso governarás. Sobre o mundo dos lests e dos ágeis, sobre os domínios do transitório, sobre a fortuna e sobre o poder. Serás Rei, Jesus, de toda a terra. Mas mata a tua sede, Jesus, come do meu pão!

JESUS: Não posso fazer isso.

SATÃ: Não precisa. Eu posso te dar tudo isso.

JESUS: Mas eu não posso fazê-lo. Ou não haverá verdade no mundo...

SATÃ: Tu os ditará, Jesus, serás seu Rei.

JESUS: Não assim é que devem crer. Haverão de o aprender. De o desejar.

SATÃ: Morrerão no absurdo.

JESUS: Hão de afogar no desejo.

SATÃ: Se destruirão a si próprios.

JESUS: Não me tentes, Satanás! És conhecedor do futuro, do passado, do tempo como inteiro; por que me tentas, então? Se pudesse o rei curvar-se ao estado de escravo há ter um outro rei que fosse só a sombra de si, então não haveria chão onde pisar. Vai embora, Satã, volta à umidade, ao fel!

SATÃ: Pois bem, Jesus, haverás de te curvar um dia. Senão a mim, à verdade que tu próprio queres encobrir... herdarás a ironia, a traição, o punhal, — sob teus olhos... e verás tudo derrotar-se... Pelos séculos e os séculos sem fim!

Cai do céu um bernal com moedas. Satã sai. Entra Judas.

JESUS: Judas!

Jesus sai. Judas olha o pacote. Entra o sacerdote.

SACERDOTE: Aí está, Judas... trinta moedas, teu preço. Se quiseres, conte-as uma a uma.

JUDAS: *(ajunta o bernal; olha-o)* Não é de meu interesse.

SACERDOTE: Ah, não? Mas a oferta nos é!

JUDAS: Estará entregue, na hora exata.

SACERDOTE: E que horas será?

JUDAS: Na hora exata; e a mim me cabe exercê-la aqui.

SACERDOTE: Que assim seja, Judas; mas que não haja truques!

JUDAS: *(prendendo-lhe o pescoço com um punhal)* Não sou homem de truques, bem o sabes que não! *(empurra-o)*

SACERDOTE: Maldito plebeu! Julgas-te forte agora!

JUDAS: E serei mais!

SACERDOTE: Quando? Sozinho...

JUDAS: (*pensativo*) Não é...

SACERDOTE: Os zelotes? Os judeus impávidos da rebelião e da morte? Teus guerreiros; é isso, Judas? Teus irmãos?

JUDAS: (*apontando-lhe o punhal*) Não sou um zelote, sou filho destas terras que mesmo o Templo perjura!

SACERDOTE: Blasfêmia!

JUDAS: Então livra-as de Roma! Ergue a espada contra o perjúrio! Dobra os joelhos a Deus, não ao ouro e ao poder...

SACERDOTE: Tu o dizes, Judas? que entregas teu mestre em moedas de mero valor?

JUDAS: Jesus não serve livre a estas terras...

SACERDOTE: E como servirá, sob correntes?

JUDAS: Acorrentai-o. Assim o vereis.

SACERDOTE: Alguma emboscada, Judas?

JUDAS: Já o disse: Tens a palavra de um homem, não como a tua...

SACERDOTE: Um levantar de dedos... e todos estarão mortos.

JUDAS: Mate-os! A dor de uns pela vitória de muitos.

SACERDOTE: Pois bem! Não virei a conversar contigo novamente, Judas; quando será?

JUDAS: Nesta noite. Virei buscar-vos. Antes disso, aguardai!

SACERDOTE: Estaremos de campana. E, de nossa parte, não vai haver piedade.

JUDAS: Vai-te daqui, falsário, ou poderão nos ver!

Sai o sacerdote.

JUDAS: De campana... aguardai... Mas fechareis os olhos para dormir, tranquilos e felizes, logo após.

Entra Madalena.

MADALENA: Judas!

JUDAS: (*assusta-se*) Que foi, Madalena?

MADALENA: Viste João?

JUDAS: Estava às voltas com Jesus.

MADALENA: Que estás tão sombrio?

JUDAS: Sombrio...?

MADALENA: Parece enevoadado com a noite...

JUDAS: Se te devo satisfação, Madalena, uma mulher!

MADALENA: Pois bem, Judas, mas tem algo que eu não saiba?

JUDAS: E não deveria saber. Não buscavas a João? Toma satisfações com ele, um moleque imberbe, uma rapariga como tu. A mim me deixa em paz!

Sai.

MADALENA: (*pensativa, mas recobra a procura*) Onde se puseram os dois?

Sai. Entra, de outra mão, Jesus e João.

JESUS: ...mas não são elas simples chamas acesas quando burlam a escuridão. Senta-te aqui, João, e observa-as. (*Observam as estrelas no alto*) Vê, nossa carne entenderia somente absurdamente a sua matéria, (*tampa os olhos de João com as mãos*) mas nossos olhos, sem a razão que as julgue, olha as estrelas por através delas próprias, se formos capazes de ver o que está para além. Tu o podes ver, não podes, meu discípulo? (*tira as mãos de sobre os olhos*)

JOÃO: ...Vestida de sol, com a lua debaixo dos pés, e doze estrelas lhe circundam o véu sobre os cabelos... (*abre os olhos*) Às vezes me perturba. O que vejo, às vezes, não sei nem eu explicar.

JESUS: Pois não o explique, João, não com os olhos da carne.
Há coisas a se entender com o espírito.

JOÃO: Mas não há de nenhum outro entendê-lo se assim o for, Mestre.

JESUS: Não os que nada entendem, João. Estes não entenderão nem as horas quando é dia nem a noite. Mas há quem vê como tu.

JOÃO: Contudo, Senhor... Vale professar o oculto e fazer cumprir a solidão no coração a todo sempre?

JESUS: Sê solitário, João, mas não vazio. Só o que é vazio jamais se poderá encher.

JOÃO: Entendo tudo o que dizes, Senhor, mas trocado às vezes. (*Jesus torna-se mais denso*) Senhor?

JESUS: Preparaste as coisas que te pedi para a ceia, João?

JOÃO: Fiz o que me pediu, basta os outros terem feito.

JESUS: Creio que sim. Prometa que terás força, João! Que persistirás!

JOÃO: Como assim, Mestre?

JESUS: Terás força e persistirás!

JOÃO: Terei, mas...

JESUS: Então é hora de cearmos. Junte os outros, como combinado. Vai! Eu irei em seguida.

*Sai. Jesus pausa uns instantes e sai também para o mesmo lado.
Entram Pedro e Madalena.*

PEDRO: ...sim, Judas! Eu não confio naquele zelote, Mulher!

MADALENA: Mas quem te disse isso, Pedro?

PEDRO: Eu próprio o vi. Combinava coisas com aqueles falsários!

MADALENA: Talvez apenas conversava com eles, e saber realmente o quê. Estava à vista de todos, em pleno Templo...

PEDRO: Mas falava de uma forma oculta, disfarçada. Como quisesse esconder alguma coisa.

MADALENA: Não creio nisso. (*pausa*) Embora estivesse um pouco...

PEDRO: Tu o viste?

MADALENA: Conversei com ele.

PEDRO: Se estiver planejando algo por nossas costas, eu próprio o farei pagar.

MADALENA: A justiça pertence a Deus apenas, Pedro.

PEDRO: Às vezes não! O que entendes tu? Só escuta, Madalena, é o que uma mulher há de fazer! Porque às vezes é preciso a espada para a justiça cumprir, e não um simples coração afeito em chorar a morte.

MADALENA: Então és tu que planejas algo por ti mesmo e por trás de todos, Pedro.

PEDRO: Não por mim. Não por mim. Por Jesus. Pois se tiver eu de matar por ele, eu matarei. E se tiver eu de morrer por ele, Madalena, eu o farei. Hoje mesmo se preciso fosse!

Entra Jesus de repente.

JESUS: Pois hoje mesmo irás me negar, Pedro, três vezes antes de o galo cantar.

PEDRO: Senhor? Jamais, nem que fosse torturado, humilhado, não padecerei por este mal.

JESUS: Pois bem, Simão, junta-te aos outros agora, pois é chegada a hora, a mesa foi posta e o sacrifício há de cumprir-se. Vai!

PEDRO: Não renunciarei teu nome, Senhor!

JESUS: Vai!

Sai.

MADALENA: Jesus, (*olham-se; madalena conhece a tristeza no olhar de Jesus*) estarei aqui, logo sob as Oliveiras. Mas não quereirei te ver chorar.

JESUS: Guarda pra ti, Madalena, estas coisas. Não é a todos que pertencem elas.

MADALENA: Quereria poder entender.

JESUS: Nem eu o poderia, não por completo. São coisas que existem dentro de mim, mas tão fundo que não é nossa mente quem poderá discerni-las.

MADALENA: Ficarás bem?

JESUS: Não, Madalena, mas o que tu tens, guarda. A chave fecha e só torna a libertar depois.

MADALENA: Quando?

JESUS: Por três dias eu hei de partir, para muito longe. Não te inquietes a procurar, nem me busques antes da hora.

MADALENA: Meu coração te aguardará.

JESUS: Minha mãe, como está?

MADALENA: Está junto com as outras. Sente ansiedades.

JESUS: Diga-lhe que não quis errar com ela, mas protegê-la.

MADALENA: Ela é capaz de compreender, mais do que talvez tu penses, Jesus. Foi ela que te levou ao colo. Foi ela que te embalou.

JESUS: Aprendi com ela, Madalena: o coração; mas era a mim impróprio segui-la como filho.

MADALENA: Ela é mãe, não preciso dizer-lhe nada.

JESUS: Então, fechai-vos, Madalena, agora; ide orar. Tenho de me preparar e preparar a todos.

Vai sair.

MADALENA: Jesus: Leva o meu amor contigo, junto às bênçãos de teu Pai! (*encostam-se as cabeças*) Adeus.

Sai Jesus.

MADALENA: Eis o coração da sombra. Temeroso. Oculto. Medonho. E sem sentido: Naquela noite, entre a comida, a bebida e os salmos, Jesus ceou com seus discípulos mais próximos, porque sabia que era chegada a hora de se entregar. Por isso partiu o pão e deu-lhe a seus discípulos dizendo: (*madalena parte o pão*) 'Tomai e comei todos, este é meu corpo que é dado por vós'. Quando então molhavam o pão na tigela de molho, juntando o trigo à uva, Jesus ordenou que um deles levantasse e cumprisse o seu destino. Judas retirou-se e Jesus embebeu as taças com vinho e lhes ofertou dizendo: 'Tomais e bebei todos, este é meu sangue que será derramado por vós, por vós e por todos, para a remissão dos pecados. Fazei isto em

memória de mim'. Quando então se deram por encerrados os diálogos daquela noite, Jesus retirar-se-ia do recinto e seguiria ao Jardim das Oliveiras para por fim entregar-se à tristeza, ser tentado pela fraqueza e ali... chorar. E assim fora feito. O mistério da fé.

Jesus entra aos fundos.

JESUS: Pai! Este coração de silêncio, este coração solitário e calado, este coração que escondera dos olhos o sofrimento da cruz, o flagelo e a dor, este coração de tristeza desespera, padece no medo, Pai, ele se curva em receios e hesita, dói, dói uma dor de uma angústia infinita, um presságio de fogo e de morte... Se é possível, Pai... Se é possível abrandar o sofrimento deita a Tua graça sobre meus ombros, e não o lenho de minha condenação. Se é possível, Pai, porque a Ti tudo é possível, Tu o podes, podes tudo, então se é possível, Pai!, afasta de mim este cálice! Livra-me deste peso! Se é possível, Pai, mas não se não o seja da Tua vontade... Porque, ah Pai, esta dor me fere profundamente, mas seja tudo conforme queiras, e não como este coração constrangido pelo medo o peça, porque ele é frágil, Pai, ele teme, e este temor me oprime... Não sei se eu, Pai, eu, teu filho, não se poderei suportar, se poderei suportar tudo o que virá, não nesse silêncio atormentado, nessa angústia emudecida, nesse desespero de morte... Me livra ao menos disto, Pai, me livra de sabê-lo, me livra desta consciência de tudo o que me acontecerá! Deita em mim a ignorância ou traz as horas mais pra perto e que tudo se passe sem que eu perceba, Pai! Por favor! Deita sobre mim a serenidade dos céus!

SATÃ: Jesus!

JESUS: Satã! Te afasta neste momento.

SATÃ: Não posso, Jesus. Ou jamais poderei vê-lo sofrer novamente. Tu vais morrer!

JESUS: Por que não deixas dentro de mim mesmo eu sofrer essa descrença derradeira? Por que tens de me atormentar?

SATÃ: Ora, Jesus, me faz bem te ver assim, só isso. No entanto, não venho por mim, venho alertar-te.

JESUS: Alertar-me...!

SATÃ: Sim. Acabou-se-te o tempo, Jesus! A tua hora... chegou! (*aponta Judas*)

JESUS: Judas!

Das coxias entoa-se o canto: "Um certo dia, à beira-mar"... Judas se aproxima lentamente para beijar-lhe a face.

JESUS: Com um beijo, Judas?

JUDAS: Guerra!!! (*rodeia-se vendo todos fugirem*) Guerra!!!

Como se todos fugissem, os soldados tomam Jesus e o espancam.

JUDAS: Voltem! Voltem! Covardes!!!

Levam Jesus arrastado para fora. Fica Judas e Satã.

SATÃ: Ficaste sozinho, Judas! e Jesus... foi morrer!

JUDAS: Eles fugiram, eles fugiram... Voltem!!!

SATÃ: Tu o mataste, Judas... Canalha!

JUDAS: Não!

SATÃ: O que esperas, Judas, vais libertá-lo? Não há ninguém!

JUDAS: Não!

SATÃ: Olha!

JUDAS: Não era pra ser assim!

SATÃ: Assassino!

JUDAS: Para!

SATÃ: Assassino!

JUDAS: Eu mereço a morte! (*chora desesperado*)

SATÃ (*mais sombrio*): Pois não seja por isso! (*Dá-lhe uma força*)

Judas berra e sai desesperado. Satã fica a um canto rindo. Entra Pilatos e sua esposa.

PILATOS: Agora estão vindo para cá, trazer o judeu que se diz o Filho do Homem.

PILATÍADES: Filho do Homem? Um título tolo. Deram-lhe ouvidos?

PILATOS: Ouvi falar muito dele, é um fanático; conturbou o povo diversas vezes.

PILATÍADES: Isso te incomoda?

PILATOS: Incomoda ao Templo.

PILATÍADES: Não tens nada a ver com o Templo, Pilatos. Mande-os daqui!

PILATOS: A política, mulher! Não posso lidar diferente.

PILATÍADES: Pois então, castiga-o!

PILATOS: Querem a morte!

PILATÍADES: Dê-lhes a morte!

PILATOS: Não posso!

PILATÍADES: Te tornaste fraco como Herodes, Pilatos! um supersticioso talvez?

PILATOS: Continuas tola, mulher, como sempre o foste, desde o berço!

PILATÍADES: Pois se és tão sábio, por que não tomas uma atitude já!?

PILATOS: Jesus tem conversado com o todos e é conhec...

SACERDOTE: (*entrando com Jesus*) Aqui está, Pilatos, o homem de quem te disse, cumpre o destino deste!

Entram com o Sacerdote e Jesus ainda os dois soldados, um a cada canto. O demônio continua assistindo. A mulher de Pilatos se aquieta observando, como se conhecesse Jesus de primeira vista.

PILATOS: Não prometi nada.

SACERDOTE: Há uma multidão lá fora, acompanharão tua decisão. E esperam uma resposta!

PILATOS: Mas então pretendes...

SACERDOTE: A morte, Pilatos!

PILATOS: Não é assim que se lança um homem à morte. Julguemos ao menos o réu! Não posso condená-lo sem antes conhecer seus argumentos. E sem conhecer as reais acusações. De que o acusam, portanto, Judeus?

SACERDOTE: Subversão. Fanatismo. Corrupção do povo. Heresia. Ele se julga ser o Filho de Deus.

PILATOS: E o que o impede de fazê-lo?

SACERDOTE: A Lei. Esta o impede!

PILATOS: Que lei é esta que não consta nos meus autos?

SACERDOTE: A lei de Deus!

PILATÍADES: Pilatos!

PILATOS: A lei que dizem pertencer a Deus... Esta não está sob meu domínio.

SACERDOTE: Toma tento com tuas palavras, Pilatos, podes ferir tua dignidade perante todos. E perante Cezar. Ele se diz rei dos judeus, — mas não é Cezar nosso sumo-governante?

PILATOS: Maldita terra munida de credices estúpidas! Sim, Cezar é. E tu! Levanta-te! Que tens a dizer por tua defesa? Permaneces calado? Podes morrer por teu silêncio.

SACERDOTE: Obriga-o a responder!

PILATOS: (*aproxima-se*) Julgas-te rei?

JESUS: Tu o dizes.

PILATOS: Então não és rei... não és coisa alguma.

JESUS: Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, meus soldados se levantariam e lutariam para me defender.

PILATOS: Sabes que posso te condenar ou te libertar de uma vez por todas, entendes isso?

JESUS: Nenhum poder te é dado sobre mim senão por um poder maior. Se não fosse por mau Pai, nada poderias contra mim.

SACERDOTE: Heresia! Ele zomba de ti e de todos, Pilatos.

PILATÍADES: Pilatos! Este homem, o vi nos meus sonhos...

PILATOS: Tens sonhado com outros homens então, mulher?

PILATÍADES: O vi como um santo, com vestes transcendentais, e ele era puro.

PILATOS: Tens a carne fraca, mulher!

PILATÍADES: Não a carne, Pilatos, parece que me diz de alguma forma ao coração.

Pilatos se ri; ironiza.

PILATOS: Então tu és rei, acima de Cezar e acima de todos nós?

JESUS: É por ti que o dizes, ou colocaram-te em tua boca?

SACERDOTE: Ele te desafia, Pilatos, é um insolente! Se o não condenar, Cezar o deverá fazer... e saberá de tudo! Cuida disto, Pilatos!

PILATOS: Não haja de levar-se a Cezar o que responde a meu governo.

SACERDOTE: Então, faz jus a teu governo, Pilatos!

PILATOS: Não vejo culpa no plebeu. Farei prendê-lo e castigá-lo como pagamento das ofensas, e a mim me basta!

Sai Pilatos e o Sacerdote ralhando à sua volta. Os soldados seguem em busca de ordens.

PILATÍADES: (*consigo*) Vejamos de que é feito teu sangue, Jesus... Fruirás agora da dor.

Sai. Fica Jesus sozinho, e o diabo continua assistindo.

SATÃ: Basta agora, Jesus?

JESUS: Quando bastar saberás.

SATÃ: Em poucos minutos eles voltarão te torturar, com chicotes e outras maldades. Livra-te desta prisão, Jesus, faze-o!

JESUS: Se eu pudesse o faria. Sim, eu faria.

SATÃ: Deixa-me que faça-o por ti?

JESUS: Pelo meu poder próprio eu o posso, por mim mesmo, Satã, — não tens mais poder do que eu. Mas dentro de mim sou impotente. Não é minha vontade que me governa aqui.

SATÃ: Não, Jesus, jamais poderei mesmo contigo. Mesmo revestido de carne, a tua força é grande, admito, – mas os homens não. Tu sabes disso, não sabes?

JESUS: (*começa a chorar*) Eu sei! Eu sei! Mas minh'alma insiste, e eu o devo. Isso signifique a solidão neste momento, mas também eles provarão dela. Isso signifique a morte...

SATÃ: E se não voltares?

JESUS: Não sei. Mas acredito dentro em mim. Como se me dissesse o coração ou o que quer que fale por dentro do homem. Não tenho certeza de nada. Escolhi ser assim, saber o que todos sabem, crer como todos creem. No entanto, esse Deus de mim, que é maior que a carne, me leva a crer. Não desistirei, Satã, te afasta agora de mim! Te afasta!

SATÃ: Não. Não tenho mais nada aqui. Sozinho já te é uma tortura estar, – como o queiras. Fica contigo, Jesus, pior que isso não há mais nada.

Vai sair.

JESUS: Lúcifer? Nada te resta em ti daquele tempo em que vivia a meu lado?

SATÃ: Pode ter certeza que não, Jesus, nem jamais restará. (*risos de fora*) Ouves? Estão vindo. Deixarei esta minha forma agora à escuridão e observarei tudo de dentro do

coração deles. Portanto, padece, Jesus, padece a tua morte.

Sai. Entram os soldados.

SOLDADO 1: Jesus... Olha, Jesus... Trouxemos presentes para ti... (*levanta-o*) Olha pra minha cara!

Cospe-lhe na face. O derruba no chão. O outro o chuta.

SOLDADO 2: Veste o mancebo!

SOLDADO 1: Tecido fino.

SOLDADO 2: Olha só. Será que Jesus merece tanto?

SOLDADO 1: Sim. Ele é rei!

Riem. Levantam-no. Tiram-lhe as vestes. O Soldado 1 quer vestir-lhe o tecido, o outro lhe impede.

SOLDADO 2: Não. Ainda não. Antes disso.

Chicoteia.

SOLDADO 2: Sentes dor?

SOLDADO 1: (*levanta-lhe*) Responde, desgraçado, sentes?

Cospe em sua face.

SOLDADO 2: Não sente nada.

Chuta o estômago de Jesus.

SOLDADO 1: Fala!

Chicoteia. Começam os dois a chicotear com raiva até o quanto aguentam. Depois começam a lhe chutar.

SOLDADO 2: És rei agora? És rei, manda-nos castigar!
(*levanta-o*) Não és nosso rei?

Dá-lhe um soco na face.

SOLDADO 2: Veste-o agora!

Derrubam-no e chutam ainda.

SOLDADO 1: Agora, és rei. Agora sim. Nã-nã-nã-não!
Espere... Falta-lhe a coroa.

SOLDADO 2: Não seja por isso. Eu mesmo a fabricarei.

Toma um galho espinhoso no chão, tira um pedaço de fio guardado consigo, amarra.

SOLDADO 2: Eis o Rei dos Judeus!

Joelhada no estômago. Chuta-lhe no chão. Chicoteia.

SOLDADO 1: Chega, agora chega! Ele pode morrer.

SOLDADO 2: E o que tem isso? (*chuta*)

SOLDADO 1: A ordem é torturá-lo, não matá-lo!

Chuta-lhe uma última vez. Pilatos, Pilatíades e o Sacerdote entram.

PILATOS: Aqui está. (*admira-se*) O que fizeram?

SOLDADO 2: Pediste que o chicoteássemos.

Saem os soldados.

PILATOS: (*mostra-o*) Olha para ele! Não basta a vós isso?

SACERDOTE: A morte, Pilatos! Crucifica-o!

PILATOS: Não posso!

PILATÍADES: Uma coisa ou outra, Pilatos, mas faça-o! Não posso vê-lo assim mais!

PILATOS (*à parte para a mulher*): Mulher, se o não condeno, o Templo se rebela contra o nosso governo e Cezar se revoltará, pela desordem. No entanto, se o mando matar, o povo quererá reagir e eu não sei que poder terá.

SACERDOTE: Pilatos, não ocultes tuas palavras de nosso júri! Decide-te!

PILATOS: Pois bem! Povo de Jerusalém, que faço com este que me entregam às mãos? (...) Que quereis que eu faça realmente?

PILATÍADES: Acaba com tudo, Pilatos!

SACERDOTE: O povo mostrou seu consentimento!
Crucifica-o agora!

PILATOS: Pois então, Jesus, nada tens mais a dizer? [Levem-no daqui!] Diante de todos o sentencio, no entanto sem que o consinta verdadeiramente. Lavo as minhas mãos do sangue deste inocente. E vós! Vade embora daqui!

Sai Pilatos com um sorriso cínico. Palco vazio. Jesus entra por fim dos fundos ou fala de onde está, se ficou ao palco. Cai três vezes enquanto fala.

JESUS: Eles me bateram, me deram socos e pontapés, me torturaram e me açoitaram, me humilharam, cuspiram na minha face como eu fosse algum criminoso sujo e merecedor de ódio, me puseram sobre a cabeça uma coroa de espinhos e me chamaram de rei se rindo de quem eu era, se rindo de minha fé, de meu credo, de minha verdade... Eles rasgaram a pele que cobria meu corpo com açoites e pancadas e, por fim, as carnes vivas que me cobriam deixaram-me as veias exíguas de sangue, secas com o sol, — num certo momento meu corpo vertia água, pois já não havia nele sangue para derramar... Eu segui com a cruz mudo e em silêncio, sem chorar uma lágrima, pois tudo em mim era dor, tudo em mim era asfixia e sofrimento, tudo em mim me pesava — mesmo os meus ossos, se tornavam pesados, como se meu corpo curvasse sobre minhas pernas de tal forma dorido que eu era espremido contra meus pés, enquanto caminhava e rasgava meus calcanhares e joelhos nas pedras pontiagudas do calvário... Não, nenhum deles teve piedade — em nenhum momento, e aqueles que me amavam tinham que chorar em

silêncio... Cheguei ao topo, me pregaram à cruz furando os tendões de meu braço com pregos longos e os meus pés com outro prego ainda maior que me impossibilitava de apoiar meu corpo para poder me livrar da asfixia — do peso que espremia meus pulmões por dentro me fazendo morrer... E depois, eu morri...

JESUS: Eli, Eli, Lama Sabactani! Vem, ó Pai! Vem, ó Pai!
Vem, ó... Pai! Nas tuas mãos, entrego o meu Espírito!

Canto de ofertório atrás das coxias. Voltam João, Pedro, José de Arimatéia.

ARIMATÉIA: Desçam-no ao colo da mãe!

Maria mãe entra chorando alto. Ela se aproxima do corpo e de frente a este, de costas ao público, ela começa a regredir e se afastar. Jesus é solto para seu colo mas no vazio, cai ao chão. Quando neste instante Jesus menino entra de uma das coxias.

MARIA: Filho! *(abraça-o desesperada)* Onde estiveste, filho?
Teu pai e eu te procuramos por toda a parte!

JESUS MENINO: Onde haveria de estar? Estava no Templo, junto dos doutores.

MARIA: Mas por que não avisaste tua mãe?

JESUS MENINO: Assim é que é, minha mãe. Devo estar onde meu verdadeiro Pai habita.

MARIA: Mas ele habita-lhe, aqui, contigo. (*aponta-lhe o coração*)

JESUS MENINO: Por isso é que pertenço ao mundo, e que todas as cidades são o meu lar.

MARIA: Queria ter-te sempre comigo, filho, não te queria longe de mim jamais.

JESUS MENINO: E eu estarei contigo, minha mãe, e estarei em todos os lugares, e eu não hei de nunca tornar-me o pó. Porque eu sou feito de Espírito, mãe.

MARIA: Eu sei, Jesus.

JESUS MENINO: Então tu me entendes, mamãe?

MARIA: Entendo, Jesus. Duro a aceitar, mas entendo, meu filho, meu Jesusinho. (*o abraça*) Vamos pra casa?

JESUS MENINO: Vamos, mamãe. Mãe, será que posso brincar com Sarah quando chegarmos?

MARIA: Pode, filho, é tempo de brincadeira para ti, pode brincar o quanto quiseres.

JESUS MENINO: Que bom!

Sai pulando.

MARIA: Quisera fosse sempre assim, meu filho, quisera fosse eternamente assim.

Maria para onde está, cabeça baixa. Um narrador final, com uma sineta, entra dizer.

NARRADOR: Depois destas coisas todas, muitos disseram ver o Jesus ressuscitado, e a notícia se espalhou, e Jesus ascendeu aos céus. Sem mácula; marcado de cinco chagas de morte, no entanto livre da morte. Há mais de dois mil anos passados. E até o final dos tempos.

Sino de morte, lento e lento. Durante a narração, os atores se colocam aos poucos no palco fazendo-se crucificados no ar. Cumprimentam o público.

FIM

A Paixão Segundo Judas Iscariotes

a paixão como destino

A PAIXÃO SEGUNDO JUDAS ISCARIOTES

TRAGÉDIA EM ATO ÚNICO

Cena I

No centro do palco, figura uma cadeira solitária compondo o cenário. Também pedras espalham-se pelo palco, artificiais. Executa-se música introdutória, esta que tomará o ambiente estático estendendo-se então para que, ainda sob música, entre Simão, pai de Judas. Simão anda, por algum momento, de um lado para outro do palco, então se assenta na cadeira, sempre muito concentrado e pensativo. Com o cotovelo direito apoiado sobre a perna, o braço ereto, a palma da mão apoia o queixo pendido. Algum breve tempo se passa até que entre sua esposa, Raquel, à sua esquerda, a chamar-lhe. Distraído, absorto, ouve-a apenas ao terceiro chamamento, quando ela o toca no ombro.

SIMÃO: Raquel?

RAQUEL: Te perdes em pensamentos distantes... onde é que tu andas, Simão? Tenho algo a te dizer.

SIMÃO: Um homem anda longes caminhos, mulher, mas nunca tão longes vão quanto aqueles por que passa o semblante aflitivo de um enigma... esse enigma que come por dentro, que me sorve o pensamento...

RAQUEL: Que enigma é tão feroz que te absorve dessa forma?

SIMÃO: Sonhei-o, mas não como quem sonha, sonhei-o como quem prenunciasse, como um Isaías que se não compreendesse, como um profeta mudo mas absorto na profecia.

RAQUEL: Que hás sonhado, Simão, que prenúncio pode haver no sonho dessa noite quente? Sim, é a quentura dessa noite, Simão, esse mormaço que faz a cabeça sair de si.

SIMÃO: Ora, sei bem distinguir a doença da saúde, mulher, sei onde está a loucura e a sanidade... Queres duvidar de mim?! Passaram-me momentos por que Deus parecia me dizer... Me dizia coisas, absurdas sim, estranhas, mas algo que não sonhava, algo que ia se enovelando e que se enovelava em realidade... em realidades... paralelas...

RAQUEL: E que coisas são essas? Que é que hás sonhado, Simão?

SIMÃO: Não tinha de me dizer algo? O que é?

RAQUEL (*sorrindo feliz*): Sim! Será uma surpresa! O queríamos tanto...

SIMÃO: Estás grávida.

RAQUEL (*séria, em tom de incompreensão*): Como é que sabes?
Eu nada havia dito. A ninguém.

SIMÃO: Sonhei-o.

RAQUEL: Sonhou comigo?

SIMÃO: Sonhei com ele, com o menino que tu esperas.

RAQUEL: Menino?

SIMÃO: Sim, terás um menino. Louvado seja Deus por agradecer-nos com esse rebento que até agora habitava em nossas preces. Mas, por me revelares isso, porque me confirmas tudo, por isso me embaraças mais e me escureces por dentro, me devolves à noite e me tornas ao sonho. A minha cabeça incha no mistério!

RAQUEL: Mas o que hás sonhado ao certo, homem?

SIMÃO: Um anjo...

RAQUEL: Um anjo?

SIMÃO (*levanta*): Um anjo negro... um anjo negro vestindo a túnica roxa e escura, as asas negras estendidas... na mão esquerda uma espada pendia abaixada para o chão e na outra trazia as escrituras, e dizia insistentemente, como um eco na minha cabeça: “O beijo como a espada há de ferir e há de matar! O beijo como a espada há de ferir e há de matar! – O beijo como a espada! O beijo como a espada!” – E repetia como uma reza ensandecida na minha cabeça. Logo, vinham outros dois, agora brancos, alvos; um trazia um cordeiro nos braços, o outro um cão sedento, e repetiam: “O beijo como a espada! O beijo como a espada! O beijo como a espada!” O anjo negro então erguera a espada para o céu e bradou como um brado em desespero alto, como um grito demoníaco: “Com um beijo, Simão!”, bradou assim e tudo se desfez, restando apenas uma porta à minha frente, uma porta de ferro e pesada que com muito custo a pude abrir. Do outro lado estava a torre de Babel. Sim, a torre de Babel. Doze homens trabalhavam nela. Doze homens que repetiam: “Faze o que tens de fazer! Faze o que tens de fazer! Faze o que tens de fazer!”, como um canto de labuta: “Faze o que tens de fazer!” E no topo, um menino, nosso filho, que olhava absorto para o céu entre trovões coléricos e relâmpagos ferozes, e uma voz do céu anunciava: “Teu filho, Simão, tua esposa espera um filho homem, teu filho, Simão, pelo custo do penhor da tua espada.” Então o menino era um homem, estava em luto e chorava, e jurava vingança sobre as tábuas da lei de Deus. Uma mulher trazia as mãos

ensanguentadas e lhas estendia e gritava em desespero, quando o céu desabava em chuva de sangue, quando outras mulheres choravam diante de uma cruz lágrimas de morte e uma multidão cuspiam e blasfemavam contra Deus. Um sacerdote lia em oração os livros sagrados repetindo: “Hosana! Hosana! Satanás carrega a força dos vencidos! Morte ao cão enraivecido! Morte ao cão enraivecido!” E um cão negro uivava desnorreado, enquanto lhe atiravam pedras. Depois, um homem em trapos, com os braços abertos, dizia: “Com um beijo, Simão! Com um beijo, Simão!” E por fim acordei, acordei mas o sonho me tomava a consciência, como um fogo me queima, como um fogo!

Silêncio. Entra Fisto à frente no palco, enquanto os dois, Simão e Raquel, estão estáticos e pensativos, cada um para um lado do palco. Como falasse à parte, Fisto passeia pelo palco dizendo:

FISTO: O sonho de homens mortais... espíritos desesperados que tateiam sem norte a caligem nos olhos, a cegueira congênita dos olhos febreiros de humanos, a corrente que os ata, o grilhão dos recônditos, que os ata, que os tolhe em pensamentos escurecidos, estão todos entontecidos pelo vinho de suas paixões! (*senta-se pensativo na cadeira*) ah, os homens mortais, a mais clara estupidez da criação divina, solitários, sonham que um dia verão a luz...! o sonho... o sonho de homens mortais respira aos pulmões de Deus... Mas de tal forma são... medíocres! ignorantes! (*Levanta de súbito*) Simão!

Simão e a esposa lhe olham surpresos.

SIMÃO: Quem és!? E como entraste assim!?

FISTO: Venho da parte de Deus.

SIMÃO: Da parte de Deus? Como a ti é dado vir da parte de Deus, homem? Como a um homem é dado tal consentimento?

FISTO: O consentimento me é dado. Venho da parte de Deus.

SIMÃO: E quem és? És algum profeta ou sacerdote?

FISTO: Sou um anjo e venho da parte de Deus.

SIMÃO: Da parte de Deus!... Um anjo!... Cuida ao pronunciares heresias, homem, o castigo te pesará sobre a cabeça fundo e colérico!

FISTO: O castigo? (*À parte*) Há castigo bastante em ser-se humano e, logo, essa crosta de imbecilidades. (*A Simão*) Tua mulher espera um filho, Simão, hás sonhado com ele... sobre isso é que vim falar-te.

SIMÃO (*espantado*): Trazes o significado do meu sonho...

FISTO: O significado do teu sonho é um só.

SIMÃO: O trazes contigo?

FISTO: Teu filho é o demônio! Nele Satã se congratula, Simão, nele se realizam as profecias do mal. Sobre ti pesará o fardo da desventura se não tomares a devida providência sobre ele.

RAQUEL (*com as mãos sobre o ventre*): Como podes dizer isso! Meu filho não! Meu filho não!

SIMÃO: Mentira!

FISTO: Lembra-te o sonho!

SIMÃO: É mentira!

FISTO: A desgraça perpassa os teus olhos, homem, a distorção das imagens, lembra-te! toda a tua angústia, a agonia desse sonho maldito... Teu filho é o demônio!

RAQUEL: Não! (*Chora*)

SIMÃO: Cala-te!

FISTO: Por quê? Porque sentes... sabes que é verdade.

SIMÃO: Não!

FISTO: O anjo negro!

SIMÃO: Tu! és o demônio!

FISTO: Estás cego? O anjo negro que te falava, nascido do inferno para o teu sonho infernal!

SIMÃO: Cala-te!

RAQUEL: Chega, meu Deus, chega, que me matas em desgosto!

FISTO: Tu, mulher... tu... Estás venturosa porque temias perder teu marido, porque não lhe davas o filho que ele queria e agora a tua prece se realiza, pensavas mesmo ser estéril e pedias a Deus, pedias desesperada, desamparada... Como te carcomia o medo! Tu, mulher, tu... carregas um assassino no teu ventre maldito!

RAQUEL: Não! Chega! Tu! és o demônio! Queres nos confundir, queres... Porque queimas nas chamas fundas do Diabo, queres também que queimemos na discórdia! Mentas! É mentira! *(Nesse ponto, a mulher se põe a par da cadeira)*

FISTO: Tu, mulher... carregas o teu próprio assassino contigo, no calor do teu ventre, tu, pois que estás predestinada à morte ao dar à luz! O teu filho, esse filho que tanto queres, ele que te matará antes mesmo que o possas ver e que o possas abraçá-lo. O teu assassino... o teu assassino, mulher... carregas contigo, no teu ventre maldito!

Ela cai sentada na cadeira estática e muda, pasma.

SIMÃO: Vai-te, diabo!

FISTO: O teu sonho, Simão! Deves dar cabo à tua agonia! Deves matar esse filho antes mesmo que ele nasça, só assim é que te podes salvar e redimir-te perante Deus, tu sabes disso!

SIMÃO: Não! Ele é meu filho. Junto dele hei de penar se assim se me destina.

FISTO: Simão, põe-te a pensar, essa criatura é destinada ao mal... é o ódio do inferno que encarna... Tua mulher,

ela, morrerá! Teu nome será lavado em sangue, Simão!
e o nome dele, o nome dele será sinônimo de traição...

SIMÃO: Chega! Vai-te, Diabo! A Deus entrego o meu
caminho...

FISTO: Então não deixes que ele nasça!

RAQUEL: Simão! Eu passo mal. Me ajuda!

Vai até ela.

SIMÃO: Vai-te, desgraçado, e não voltes!

FISTO: Sicário desprezível! Pagarás por isso. Pagarás por
amaldiçoar o nome de Deus.

SIMÃO: Pagarei! Com meu sangue, se preciso for. Pagarei,
mas o meu filho virá ao mundo, pois que Deus o deu a
conceber, foi Deus, Deus! e não és tu que o tirarás de
mim.

FISTO: Pensa como queres, mas sei que pensarás, pois cravei
no teu cérebro o cravo da verdade, e ele há de perdurar.

SIMÃO (*como um brado*): Vai-te!

Como que sorri ironicamente e sai.

RAQUEL (*perturbada*): O anjo me condenou. Definharei ao tocar da trombeta do nascimento. Carrego o meu assassino. Condenada. Carrego o meu assassino. Carrego o meu assassino. Posso ouvir... Posso ouvir o choro dele. O Diabo!

Simão grita em desespero e a luz se apaga.

Cena II

Em cena estão dois sacerdotes. O primeiro está assentado com poder soberbo, como se em um trono, na cadeira, enquanto o outro se põe de pé, sisudo, ao seu lado. Um soldado entra e anuncia:

SOLDADO: Está aí Judas, a quem chamam Iscariotes, desejais vê-lo?

SACERDOTE 2: E com que preceito esse homem se nos dirige?

SOLDADO: Diz que é sobre um certo nazareno.

SACERDOTE 2: Deve se tratar de Jesus.

SACERDOTE 1: Sim, Jesus. (*Confirma com a cabeça*). Temos de resolver esse assunto.

SACERDOTE 2: Mas o que esse homem quer?

SOLDADO: Não disse. Quereis que o pergunte?

SACERDOTE 1: Manda-o entrar. (*Sai o soldado*) Jesus nazareno... Não mais podemos ser coniventes com as suas heresias. Os mais ignorantes já se deixam levar por suas palavras deturpadoras. Seus milagres criam ecos: Um curandeiro ocultista que se atribui o título de filho de Deus vivo! É necessário que sigamos logo com a sua rendição. É chegado o estopim!

Entra Judas na presença do soldado.

SACERDOTE 1: Esse é o homem...? Que queres?

JUDAS: Soube que quereis...

SACERDOTE 1: Jesus?

JUDAS (*afirmando com a cabeça*): Jesus...

SACERDOTE 2: E que és tu de Jesus?

JUDAS: Sou seu discípulo.

SACERDOTE 2: Discípulo? És discípulo de Jesus, o nazareno?

JUDAS: Sou.

SACERDOTE 1: Mas o que te traz até aqui?

JUDAS: Como ia dizendo: Soube que quereis Jesus, mas não sabeis como o prender: estou disposto a entregá-lo. Como seu discípulo, posso indicar-lhes o local e o momento apropriado...

SACERDOTE 2: Ora, e o que leva-nos a crer que não seja um tipo de armadilha? tu és discípulo, não és?

JUDAS: Tens a minha palavra...

SACERDOTE 2: Em nome de quem? De Jesus?

JUDAS: Em meu nome.

SACERDOTE 1: És um galileu, como os outros?

JUDAS: Não sou galileu.

SACERDOTE 2: O discípulo quer entregar o mestre!...
Gostaria de saber os motivos...

JUDAS: E que diferença fazem os motivos, quando os desejos são comuns?

SACERDOTE 1: Sim. Mas o que queres?

JUDAS: Já o disse, quero entregá-lo.

SACERDOTE 1: Sim. Mas um homem não presta tais serviços gratuitamente.

JUDAS: Não. Mas o meu preço não sois vós que o pagareis.

SACERDOTE 1: Então tens teus motivos...?

SACERDOTE 2: Me aguça a vontade de os saber.

JUDAS: A cavalos dados não se olha os dentes.

SACERDOTE 1: Não, tens razão. Mas não é certo que o faças sem custo, por isso acertaremos trinta moedas, trinta moedas de prata.

JUDAS: (*À parte*) Numa revolta faz-se mister que se tenha o sustento pelo tempo de transição... (*Aos sacerdotes*) Aceito-o.

SACERDOTE 2: Pois quando?

JUDAS: Chegará o momento, mas eu é que hei de procurar-vos...

SACERDOTE 1: Que seja para a festa da Páscoa. Quero-o para a festa da Páscoa.

JUDAS: Assim o tereis.

Vai sair.

SACERDOTE 1: Judas! Confiamos em tua palavra.

JUDAS: Não vos decepcionareis.

Sai. Atrás dele sai o soldado.

SACERDOTE 2: O discípulo entrega o mestre!... O povo nos surpreende. Vamos comunicar aos outros.

Saem.

Cena III

Se encontram no palco Judas e Verônica. Se abraçam e se beijam.

VERÔNICA: Judas, meu amor, se há uma hora, a hora é esta!

JUDAS: O dia é este, a hora, não exatamente.

VERÔNICO: O povo é sufocado, Judas, o povo sofre... Erguerão a espada contigo. Esta é a vontade de Deus! O domínio romano e seus deuses pagãos se opõem à soberania divina, figuram o mal entre nós. Os zelotes já se pronunciaram a teu favor e a favor de Jesus, quererão entronar o mestre. É vinda a hora!

JUDAS: Hoje cearemos com Jesus, ele deseja comer a Páscoa com os seus discípulos. Depois irá para o jardim das oliveiras, ao Getsêmani, bem o sei, e lá, lá terá início um

levante e a batalha, a batalha pelo poder de Deus, senão a guerra, a nova guerra santa do povo de Israel!

VERÔNICA: Deus abençoará a tua espada, Judas, pois que ela servirá de ceifar o joio impuro!

JUDAS: Deus abençoará a todos nós, Verônica, o Deus que guiou aos hebreus, o Deus de Moisés, sim, Ele estará conosco, é hora de Seu filho reinar sobre o mundo!

VERÔNICA: Já comunicaste aos outros?

JUDAS: A quem?

VERÔNICA: Aos outros onze e a Jesus?

JUDAS: Jesus não há de o saber até o momento certo, Jesus é fraco para a guerra, ele deve assumir o trono como rei, e não como soldado. Aos outros, os deixarei surpreender, pois que o ímpeto então será espontâneo e, por isso, mais abrasador. João me detesta, não admitirá que eu guie essa batalha e convencerá os outros a seguirem contra mim.

VERÔNICA: Que fizeste contra João?

JUDAS: Tem implicância comigo porque Jesus me escolheu para levar a bolsa de dinheiros, deve ser isso.

VERÔNICA: E se ele se erguer contra ti e...

JUDAS: Não aceito a derrota. Não cheguei até aqui para ser ofuscado por um garoto mimado. Fui criado para a liderança e para a guerra, mulher. Fui escolhido. O meu pai... *(Pausa)* O meu pai era um guerreiro. Lutou até a morte. Quando morreu... foi nos meus braços... lembro-me como se fosse hoje, Verônica, o meu pai...

Entra Simão com um ferimento na barriga, minguando para a morte. Verônica se põe como se escutasse o que Judas conta, não atentando à cena, mas às palavras. Simão cai nos braços de Judas, quando Judas se ajoelha aconchegando seu pai nos braços.

JUDAS: Pai!

SIMÃO: Judas, meu filho, o teu pai agoniza...

JUDAS: Não, pai, não agonizas, ficarás bem, ficarás, ficarás! Só te tenho a ti neste mundo, pai, não podes morrer, não podes me deixar assim.

SIMÃO: Os romanos, filho, os romanos... guarda contigo essas palavras: Os romanos são o mal e devem ser eliminados, devem ser mortos um a um, os homens e as mulheres e todos os que se oporem à sua destruição final!

JUDAS: Pai! Eu juro vingar-te. Darei meu sangue se preciso for. O teu nome não se apagará sem o custo de consumir a alma desses malditos!

SIMÃO: Vingam o meu nome, filho, em ti deposito a minha vida e a minha confiança. Lutarás em nome de Deus e farás da tua glória a glória de Javé. Mas cuida! A mentira te ronda desde o teu nascimento... Há coisas ocultas a ti... Há forças ocultas que te querem derrubar... Não acredites na mentira, filho, o Diabo usa o nome de Deus para te enganar, o amigo é inimigo. Não deixes que o Diabo te ludibrie, Judas, meu filho. Tua mãe... Tua mãe foi vítima... Tu não, filho, não tu!

JUDAS: Pai, tranquiliza-te, nada neste mundo é capaz de arrombar o vigor que puseste no meu sangue, meu sangue corre como um campo de batalhas, impetuoso e forte, e vence, e vence no final, pai.

SIMÃO: Quando ergueres a espada, matarás em meu nome, sob a minha bênção, e estarei contigo em todos os momentos.

JUDAS: Estás comigo até mesmo onde pensas que não estás:
sou teu filho, pai!

SIMÃO: Lembras-te do sonho? Não te deixes ludibriar: Faze
o que tens de fazer!

JUDAS: Farei, pai, e farei mais, farei mesmo o que não me for
possível fazer e o teu nome será lembrado...

SIMÃO: Filho...

Morre.

JUDAS: *(Em pensamentos, como se lembrasse)* Então o menino era um homem, estava em luto e chorava, e jurava vingança sobre as tábuas da lei de Deus. *(Levanta para discursar à Verônica)* Os romanos... Seus estandartes ergueram no Templo e puseram soldados como marcas de Roma dentro e fora dele!... Mas não, não veneramos bandeiras e símbolos, mas tão-somente o Criador, único para quem nos sujeitamos! Os romanos... Seu domínio se estende contra a ordem do Deus de Israel! Mas ajoelhar-se-ão perante nós. Porque tudo isso é uma afronta contra o nosso povo e contra a nossa fé e não ficaremos estáticos vendo a injustiça governar a nossa terra! A nossa terra, Verônica, será nossa uma outra vez! Meu pai lutou por isso, deu a vida para libertar a nação dos escolhidos do jugo dos ímpios, profanadores do Templo e da verdadeira fé. *(Ronda o corpo morto do*

pai) Meu pai, Verônica, parece que o vejo à minha frente... aquele semblante poderoso, agora morto, ensanguentado e frio... na minha frente, nos meus braços, Verônica. Está aqui!

Verônica abraça Judas que não retribui o abraço, absorto que está.

VERÔNICA: Judas, meu amor!...

JUDAS: Depois... depois seguiu o sepultamento, como a sega de algum ceifeiro horrível no meu coração, e meu pai foi-se para a escuridão da vida...

De algum modo, Simão é retirado do palco por terceiros, como o "cortejassem". Ouve-se de fora o choro e os ruídos das mulheres que o cortejam. Judas acompanha a reminiscência com os olhos, entregue ao sentimento.

VERÔNICA: Judas, tu tens a fibra do teu pai, ele morreu como um herói e tu é que levarás o nome dele à glória, pois em ti se cumpre o seu desejo.

JUDAS: Sim. Em mim cumprir-se-á todos os seus desejos. Se precisar morrer, morrerei, mas jamais falharei, jamais.

VERÔNICA: E tua mãe, Judas? nunca falaste de tua mãe.

JUDAS: Porque nada sei dela. Enlouqueceu enquanto estava grávida de mim e morreu algum tempo depois me dar à luz, é só o que sei, mas meu pai dizia que ela era linda, linda mas tênue, se não são sinônimos... Meu pai esquivava de falar nela. Fui criado junto de sua segunda esposa, na verdade. Nada sei de minha mãe.

VERÔNICA (*entre beijos*): Bem, Maria me aguarda para os preparativos da ceia, Judas, tenho de ir.

JUDAS: Vai.

Sai.

JUDAS: Então o menino era um homem...

Entra Fisto.

FISTO: Judas!

JUDAS: E tu, meu Fisto, o amigo leal, que fazes aqui?

FISTO: Vim alertar-te.

JUDAS: Alertar-me?

FISTO: Sei dos teus planos para hoje, não o faças!

JUDAS: Já sei o que irás dizer...

FISTO: Não sabes. Sempre estive a te alertar sobre ti e tuas coisas, mas nunca me deste realmente ouvidos, agora o vejo.

JUDAS: Ao invés de ires contra mim, devias me apoiar, Fisto, amigo meu. Devias estar do meu lado.

FISTO: Não, Judas, o que fazes é errado, não sabes o que realmente irá acontecer.

JUDAS: Aí que tu te enganas, sei de tudo, mas áspero: áspero é que a vida se conclua como nula numa morte sem motivo, logo sem o punho cerrado do aguerrido.

FISTO: A morte, Judas, sim, a morte... Não sabes o que fazes. Amas a Jesus, não amas?

JUDAS: Amo, vigorosamente amo.

FISTO: Então desiste do teu plano, pois que por teu intermédio irá morrer.

JUDAS: O mestre?

FISTO: Sim, Judas, a tua traição...

JUDAS: Traição?!

FISTO: Não te enganes com teus pensamentos, pois que o que farás será traíres o teu senhor.

JUDAS: Não traio. Honro o meu nome, Fisto, o que dizes?

FISTO: Será traição, pois que Jesus será entregue, e por ti, às mãos inimigas para morrer.

JUDAS: Nunca!

FISTO: Sim. E morrerá na cruz, como um desgraçado, como o mais vil e abjeto dos ladrões e assassinos! Será condenado a carregar nos ombros a própria cruz pelo calvário, depois de açoitado e humilhado.

JUDAS: Não!

FISTO: Dar-lhe-ão uma coroa, mas uma coroa de espinhos!

JUDAS: Não! Mentira!

FISTO: Acha que teus amigos se levantarão contigo? São covardes. Tu terás parte como assassino!

JUDAS: Nunca! Protegerei o mestre, com todo o meu corpo e com toda a minha alma o protegerei.

FISTO: Todo o teu corpo e toda a tua alma não são suficientes para o que se tornará esse teu plano estulto.

JUDAS: Tu queres me confundir. Por quê? Tu que és meu amigo...

FISTO: Os amigos, não é para isso que servem? auxiliar e mostrar o caminho reto.

JUDAS: O caminho reto!... Que caminho é o reto?

FISTO: Não te iludas, Judas.

JUDAS: Meu pai me ensinou o caminho, através de seus passos conheço os meus.

FISTO: Viste o que aconteceu com teu pai.

JUDAS: Vi... Que queres insinuar?

FISTO: Só quero alertar-te que esse teu fanatismo...

JUDAS: Fanatismo?!

FISTO: Sim, se não hás percebido, é isso que te ocorre, puro fanatismo inconsequente, que levará teu mestre à morte.

JUDAS: Hei de morrer por ele.

FISTO: Hás de matá-lo.

JUDAS: Para, Fisto, estás louco!

FISTO: O crivo da verdade te fere, mas és teimoso como o pai.

JUDAS: Conheceste meu pai?

FISTO: O suficiente para conhecer também o filho.

JUDAS: Fisto, fizeste-te de meu amigo, mas vejo que és falso... Desaparece da minha frente, desgraçado!

FISTO: Escuta-me, Judas...

JUDAS: Me recuso a escutar tuas mentiras. Quem não é comigo é contra mim!

FISTO: Judas, não quero que ocorras em erro...

JUDAS: Então, te afasta de mim, homem!

FISTO: Como és tolo, bem como o pai... Tens a minha palavra: te consumirá a desventura trágica, a angústia te roerá o teu crânio, a morte não será escapatória para ti, mas será a tua maldição, que te renderá o desespero.

JUDAS: Some!

FISTO: O inferno é tua pátria!

JUDAS: Some antes que perca a cabeça, desgraçado!

FISTO: Irei. Mas mais tarde nos veremos e então me dirás...

JUDAS: Nunca mais, filho da puta!

Sai Fisto. Entra Verônica.

VERÔNICA: Com quem gritavas?

JUDAS: Ainda estás aí?

VERÔNICA: Voltei ao ouvir teus gritos, não estava muito longe daqui. Quem era?

JUDAS: Não me perguntes quem era!

VERÔNICA: Mas por que gritavas?

JUDAS: Verônica... E se eu estiver errado?

VERÔNICA: Como assim?

JUDAS: E se eu não devesse seguir com meu plano?

VERÔNICA: O teu plano, Judas, meu amor, não é um plano, é a mão de Deus que te guia.

JUDAS: E se não for?

VERÔNICA: Quem era?

JUDAS: E se prenderem Jesus e...

VERÔNICA: Judas, quem era, pelo amor de Deus?

JUDAS: Era Fisto...

VERÔNICA: O teu amigo?

JUDAS: O meu amigo...

VERÔNICA: Não o conheço. Nunca o vi, pois nunca estive realmente ao teu lado, em nenhum momento. Nenhum dos teus o conhece, por isso o que quer que tenha dito, não lhe confies. Por que ele nunca se mostrou a ninguém dos teus, Judas? É um homem oculto. Vive nas sombras. Não lhe confies!

JUDAS: Ele disse que Jesus morrerá, e eu é que o entregarei para a morte, Verônica!

VERÔNICA: Não sejas tolo, homem. Jesus não se entregará...

JUDAS: Mas eu é que o entrego.

VERÔNICA: Judas! Uma palavra de Jesus e o povo estará do seu lado, como falanges. Não viste a recepção em Jerusalém? Não viste o povo com ramos e mantos festejando o advento do Messias? Uma palavra.

JUDAS: E se ele não der essa palavra?

VERÔNICA: Como não? Queres desistir? Homem fraco!

JUDAS: Não me digas isso!

VERÔNICA: Mas é o que pareces! Chegaste até aqui, nunca houve momento mais propício... É hora!

JUDAS: Não deveria consultar os outros talvez?...

VERÔNICA: E estragar tudo. Bem o sabes, tu mesmo o disseste quando te pedi se havia contactado os outros que o ímpeto cego, não com estas palavras, mas que o ímpeto cego é maior que o perfeito complô. Tens tudo na mente, Judas, não é coisa impensada, em ti há liderança, os outros são apenas sectários. Em ti há o

complô e o seguimento, enquanto para os outros é necessário o momento, o susto, a insurreição.

JUDAS: Disse que Jesus carregaria uma cruz nos ombros e seria morto nela...

VERÔNICA: Jesus é rei, dado ao mundo pelas mãos de Deus... onde já se viu tais absurdos! Queres desistir, Judas, mas não é o teu destino que está em jogo, é o destino dos homens, da nossa terra também. É Páscoa, tempo da libertação! Medo, Judas, é normal que se tenha medo.

JUDAS: É medo sim, tenho medo, ele me pôs medo e não sei como tirá-lo.

VERÔNICA: Esse homem, Judas, sabes de onde ele vem? Sabes de suas intenções? O que sabes sobre ele?

JUDAS: Ele era meu amigo...

VERÔNICA: E te deixas esmorecer por isso? Não vejo em ti o mesmo Judas... Eu estarei do teu lado e sabes que muitos outros também o estarão. Que te importa Fisto? Não és tu, é o teu povo, homem!

JUDAS: Tens razão! Tens razão! Se há um momento o medo me tomava como a um cão servil, em Deus encontrarei as forças! Encontrarei, sim, Verônica, as forças bélicas e sagradas em Deus... e a minha espada não desfalecerá!

VERÔNICA: Sim, Judas, sim, e o meu amor por ti só aumenta mais vendo o homem que és! Quero ver-te encarregado dos exércitos de Deus!

JUDAS: Os exércitos de Deus... Sim! Jesus reinará!

*Enquanto Judas levanta o punho em sinal de luta e Verônica de joelhos lhe abraça, a seus pés, executa-se a introdução de **In The Flesh**, do Pink Floyd, CD: The Royal Philharmonic Orchestra. Saem, ainda enquanto executa-se a música, um para cada lado.*

Cena IV

*Ainda sob **In The Flesh**, ao término da introdução, entram Jesus e os apóstolos para a ceia: Na cadeira central, posta no palco desde o início, senta-se Jesus, enquanto seus apóstolos, seis de cada lado, sentam-se ao chão, sempre simulando conversação. À esquerda de Jesus senta-se João e à direita, Pedro, e ao lado de Pedro, Judas. As mulheres: Verônica, Maria, Madalena... simulam trazer os pratos, como imaginativos. Antes de comerem, Jesus enche uma vasilha de água e põe uma toalha na cintura para o lava-pés, os outros não entendem para se assombrarem sob burburinhos. Inicia da esquerda para a*

direita. Enquanto Jesus vai lavando os pés dos primeiros, Judas levanta para dizer indignado à parte.

JUDAS: (*Negando com a cabeça*) Jesus mancha a sua majestade! Se por um lado, nesse gesto hospitaleiro, lava os pés de súditos, de seus simplórios súditos, por outro, suja as próprias mãos, encarde-as, porque não é do rei servir ao servo. Que Jesus pretende? O cetro pende de sua mão, a coroa lhe pesa na cabeça. Quando entenderá tudo o que lhe é destinado? Quando aceitará a condição que lhe impõe a coroa e não o servilismo?

Jesus chega a Pedro.

PEDRO: Não, senhor, os meus pés não!

JESUS: Não me compreendes, Pedro, nada compreendes do que eu faço agora, mas depois compreenderás.

PEDRO: Não, não compreendo, como posso compreender? Não lavarás os meu pés, senhor, não lavarás, porque o não permitirei!

JESUS: Se não mo permitires, tua parte não terás comigo no banquete.

PEDRO: Então não cearei.

JESUS: Do meu banquete não se ceia, vive-se.

PEDRO: Então, não somente os pés, mas minhas mãos e também minha cabeça.

JESUS: Quando se há banhado, apenas os pés estão sujos da poeira das estradas, o resto não. Vós também estais limpos... (*passa para Judas*) Mas nem todos.

JUDAS: Mestre! Nós é que devemos ajoelhar perante ti, não tu te prostrares a ungi-los os teus menores...

JESUS: Judas, o rei é servo e o servo, por sua parte, rei. Mas tu não o compreendes, não é, Judas? (*Passa para o próximo*) Vós não compreendeis... Se lavo vossos pés como mestre e senhor, mais ainda vós vos lavareis os pés uns aos outros, porque este é o meu exemplo. A minha herança para vós que sempre estivestes comigo é o meu Reino que hei herdado do meu Pai, e quero que se junteis a mim no banquete do meu Reino.

JUDAS (*em pensamentos altos*): O Reino é próximo.

Novamente, a mesma música anterior. Jesus, após o lava-pés, torna a sentar.

JESUS: Quis muito comer esta ceia, porque vem a noite e ela me cobre, vem o medo e depois estareis dispersos, e não mais seguireis meus passos, até que se conclua o meu sofrimento, porque vem a noite e ela vos cobre também a vós, a noite dos lamentos e do choro, como crianças estareis procurando as mães, mas as mães terão desaparecido e restará apenas a solidão como companheira crua e fria.

JOÃO: A solidão não, onde estivermos estaremos contigo e tu conosco, não é assim?

JESUS: Hoje não, João, querereis estar longes de mim, preferireis a distância à proximidade.

PEDRO: Eu não, senhor.

JESUS: Tu, Pedro, tu, que me negarás o meu nome...

PEDRO: Nunca, senhor, disposto estou a morrer por ti, nunca a te negar, senhor!

JESUS: Antes que o galo cante, Pedro, antes que o galo cante.

JUDAS: Eu não o negaria, mestre!

JESUS: (*como frases soltas*) Come comigo e me fere de morte...
"O tapa do amigo é leal, mas o beijo do inimigo é mentiroso." (*Alto, a todos*) Um que está aqui, que entre nós come e bebe, um de vós me trairá de morte!

Judas se torna apreensivo, embora não o compreenda de todo. Todos se interrogam pasmos e interrogam a Jesus: "Quem?", "Eu?".

JUDAS: Serei eu, mestre?

JESUS: O tapa do inimigo é leal, mas o beijo do amigo será mentiroso!

João e Pedro se entreolham e João fala ao ouvido de Jesus.

JESUS: (*Meio que balbuciado*) Aquele a quem der o pão embebido. (*Dá a Judas*) Sinal de meu amor. (*Pausa*) Judas, faze o que tens de fazer!

Sombrio, Judas levanta e cai de joelhos. Com as mãos espremendo a cabeça, parece lembrar enquanto repete:

JUDAS: Faze o que tens de fazer! Faze o que tens de fazer!, como um canto de labuta: Faze o que tens de fazer!

Olha para Jesus, o encara. Não sabe se vai ou se fica. Simula sair do recinto indo à frente no palco. Encontra Verônica. Os outros continuam a falar “em off”, Jesus simula partir o pão, a eucaristia.

JUDAS: Verônica!

VERÔNICA: Que foi, Judas, que foi, meu amor, que cara é essa? E onde estão os outros?

JUDAS: Estão lá dentro, ainda estão ceando com o mestre. Verônica, ele sabe de tudo.

VERÔNICA: Como o saberia?

JUDAS: Não sei. Disse que seria traído, como Fisto o disse...

VERÔNICA: E o que ele disse então?

JUDAS: Faze o que tens de fazer!...

VERÔNICA: Então!

JUDAS: Então o quê?

VERÔNICA: Deu-te o sinal. Faze o que tens de fazer! Se o sabe, mostra apoiar-te, Judas!

JUDAS: Talvez...

VERÔNICA: É claro! Vai, Judas, vai, é hora!

JUDAS: É verdade, é chegada a hora!

VERÔNICA: Vai, meu amor.

Se beijam e ele vai. Verônica se retira.

TOMÉ: Eis aqui duas espadas, mestre.

JESUS: Basta! Chega de dizer-vos, vós nada compreendeis!...
Satanás, o príncipe do mundo, ele se nos achega mais.
Cuidai-vos vós, pois contra mim ele nada pode...
Vamo-nos daqui!

*Saem todos sob a música **Up The Khyber**, também do Pink Floyd, trilha sonora do filme More.*

Cena V

Os dois sacerdotes que Judas contatara e mais dois soldados entram em cena, e Judas vem falar-lhes, como se encontrassem.

JUDAS: Se há uma hora, a hora é esta!

SACERDOTE 1: Vieste entregar teu mestre?

JUDAS: Não to disse, chegou a hora.

SACERDOTE 2: Mas onde ele está?

JUDAS: Foi ao monte das oliveiras, lá descansarão ele e os seus.

SACERDOTE 2: Descansarão?

JUDAS: Sim, ceamos e...

SACERDOTE 1: Cearam?

JUDAS: Comemos a Páscoa.

SACERDOTE 2: Teu mestre não saberia nem mesmo o dia de ceiar a Páscoa, não é mesmo? Ou desrespeita até mesmo

os dias sagrados? O tempo para o seder não inicia amanhã?

JUDAS: Sim, mas o mestre tem pressa.

SACERDOTE 1: Para quê?

JUDAS: Quereis prendê-lo ou o não quereis?

SACERDOTE 1: Ele planeja algo.

SACERDOTE 2: E todos estarão lá?

JUDAS: Não há perigo, tendes a minha palavra.

SACERDOTE 2: Tu és capaz de trair os teus, não nos trairia a nós?

JUDAS: Fiz a minha oferta, estou pronto a indicar-lhes o local e a hora já vos dei, e é agora, se quereis fazê-lo, para teres certeza, ainda além de acompanhar-vos, com um beijo indicarei o mestre, para que não erreis. Se quereis fazê-lo, fazei, de outra mão, me abstenho...

SACERDOTE 2: Vão os soldados contigo, e que não seja uma armadilha, ou se arrependerá amargamente, homem.

(Para os soldados) Vos preparem e trazei-nos o homem muito bem vivo. Daremos o que ele merece. Ide!

Os soldados vão. Judas vai sair, mas o chamam de volta.

SACERDOTE 1: Judas! O teu preço.

Atiram-no o bernal com o dinheiro, ao que ele reverencia ligeiramente com a cabeça e sai. Saem também os sacerdotes para o lado oposto ao de Judas e dos soldados.

Cena VI

Sob música, entra Jesus para o sufrágio do Getsêmani. Senta-se na cadeira.

JESUS: Se me tivesse curvado... Se me tivesse curvado então não haveria esse corrosivo mortal me correndo nas veias a me... a me roer o coração de desespero cáustico... não haveria esse sentimento furioso de agitação inerte que me come os pensamentos dizendo: "Tu! Ó tu, mortal vivente! que as trevas queimarão no inferno desse corpo frágil, dessa carne frouxa que te cobre! Tu, entre os desgraçados! te pões acima do mundo, mas é a sua própria ferida, a ferida aberta que sangra e que arde!... Tu, mortal, tu! A quem o orgulho fenece o coração maldito!" E dentro de mim parece correr o veneno de uma cobra dorida que me punge,

agulhas na carne, e sofrimento... sufrágio para minha morte oração aflitiva de medo e de agonia insurreição de dores desesperadas na cabeça... (*Cai de joelhos*) “Tu! Tu que mentiste! que enganaste a ti mesmo e que te puseste nos ombros a cruz suicida! Condenado! Condenado! Tira os teus trapos sujos e veste-te de luto, porque é vinda a hora de Satã e de sua glória!” Eu tenho medo... Eu tenho medo... Pai! Tira o medo de mim! Tira a agonia, que eu não aguento... Eu extirpo as minhas forças, de medo, Pai, de medo! Dá-me a mão! Dá-me a mão! Dá-me... a tua mão...

Entra Fisto com a mão direita estendida.

FISTO: Dou-te a minha mão, Jesus.

JESUS: Quem és tu?

FISTO: Sou o anjo da luz, Deus quis que viesse a ti.

JESUS: Mandou-te Deus?

FISTO: Mandou-me. Mandou-me para te alentar a dor, Jesus, porque não hás mais de sofrer, não esse sufrágio imenso. Mandou-me porque tu te perdeste nesse corpo de homem e não entendeste o teu caminho. Teus pés pisaram firmes a poeira do deserto, mas agora cambaleiam. Vim indicar-te o caminho.

JESUS: Ó anjo bendito, diz por onde devo andar, porque os caminhos não se distinguem, se bifurcam mais diversos e sombrios.

FISTO: Vim indicar-te o caminho. Tranquiliza-te.

JESUS: Tu me deixas mais tranquilo. Me toma ao colo e me alenta com tua luz.

FISTO: Não precisas mais sofrer, Jesus, pois que não sabes os planos de Deus, pois que Ele está contigo.

JESUS: Deus está comigo... Deus está comigo... Mas eu me perco e não sei mais por que caminho...

FISTO: Judas...

JESUS: Judas, o meu amigo, sim, meu amigo, mas que me dará às mãos inimigas, não é mesmo?

FISTO: Não, Jesus, não sabes das suas intenções.

JESUS: As intenções de Judas! Me entregar e...

FISTO: Não. O reino é teu, Jesus, teu reino se estenderá por toda a terra, e Judas quê-lo começar, por isso erguerá a espada em teu nome, e tu ordenarás aos outros o mesmo, e então a grande guerra terá início, a batalha dos anjos contra o inferno fundo, e sob o teu reinado Deus governará em toda terra.

JESUS: A guerra... Mas não quero a guerra, e sim a paz.

FISTO: A paz, é pela guerra que ela se firma.

JESUS: Guerra é morte, e morte é traição...

FISTO: Traição é deixares o povo sofrer, minguar como mungua em face dos poderes romanos. Olha para a história, homem! Traição é morreres e deixares também o teu povo morrer, ou não morrer, mas consumir-se no fogo da morte ainda vivo!

JESUS: Ai, que me queima também o fogo dos mortos, dos meus antepassados que ergueram a espada pela terra prometida... Mas eu não. Eu ergo a espada da paz, eu ergo a espada da vida, eu ergo a espada ressurreidora da alma!

FISTO: Jesus, a alma só é limpa quando o corpo está bem, mas eles sofrem...

JESUS: E que posso eu fazer?

FISTO: Ordena que lutem! Não sejas covarde!

JESUS: Eu tenho medo...

FISTO: De que, Jesus, de quê? De reinar? Tens medo de devolver ao povo tudo o que lhe é de direito? De impor a tua paz e o teu amor sobre o mundo?

JESUS: Tenho medo de errar.

FISTO: (*Reprovando com a cabeça*) Jesus, Jesus! Quem é covarde: aquele que morre na luta ou aquele que a morte consome sem lutar?

JESUS: O que faço?

FISTO: Levanta-te e anda pelos caminhos do Senhor, deixa que Judas faça por ti, inicia a revolta.

JESUS: No deserto o Diabo me tentou, ele me ofereceu os reinos, mas eu disse não...

FISTO: Mas agora é diferente.

JESUS: No deserto, me ofertou poder, mas eu recusei...

FISTO: Olha à tua volta, Jesus, olha à tua volta e deixa esse teu orgulho e essa tua presunção, deixa a tua vaidade e olha à tua volta, Jesus!

JESUS: Recusei todos os prazeres, todas as vaidades recusei por Deus...

FISTO: As vaidades, Jesus?

JESUS: As vaidades sim, o que ambiciono não é minhas vaidades, só ambiciono o amor, a fé, a esperança e a caridade, não ambiciono reinos, mas que Deus reine sobre o mundo.

FISTO: Pois então, é hora de Deus reinar!

JESUS: Não assim.

FISTO: Assim, Jesus...

JESUS: Se és um anjo, és capaz de reverenciar-me?

FISTO: Queres que me curve?

JESUS: Curva-te!

FISTO (*a seus pés*): Me alegras, enfim entendeste.

JESUS: Não, tu é que deves entender... quando curvaste, vi uma cobra rasteira, porque só o Diabo se curvaria a meu pedido.

FISTO: Também os anjos se curvam ao filho de Deus.

JESUS: Se curvam à minha presença, não a meu pedido... Só o Diabo que se impõe soberbo perante o Filho do Homem, para tentá-lo: mas lamenta-te, outra vez foste derrotado, maligno!

FISTO (*raivoso*): Conheces o futuro? Teus apóstolos, brutalmente assassinados... teu povo morrerá pela mão do teu próprio povo, porque não entendem... Virão guerras e suplícios em teu nome, Jesus! E Judas, ele não te condenará, condenará a si próprio, porque tirará a própria vida.

JESUS (*em sofrimento*): Pai, se for possível, afasta este cálice dos meus lábios penitentes!

FISTO: Sim, Judas erguerá a espada por ti, e tu o trairás, trairás aos teus e a todos!

JESUS: Mas que seja feita a Tua vontade, pois o vinho que beberei, das Tuas mãos é que o beberei!

FISTO: Idiota!

JESUS: Trazes a luz nas mãos, Lúcifer, por que não és capaz de vê-la?

FISTO: O mundo não vai mudar, Jesus, cuidei que se ligasse intimamente a mim desde os primórdios, é tarde, Jesus, é tarde!

JESUS: Vai-te, Satanás!

FISTO: Vou-me, mas deixo-te a cruz sobre as costas, e é teu fim, sabes disso.

Sorri para Jesus e sai.

JESUS: Deus, estou perdido em mim mesmo, dentro de mim há só escuridão e temor, me indica o caminho, Pai, me mostra o caminho, Senhor meu!

Entram Pedro, João, Tiago, Tomé... apóstolos e mesmo outros...

PEDRO: Estão vindo soldados, senhor, o que está havendo?

JESUS: É vinda a hora...

TOMÉ: Sim, entendo.

JOÃO: O quê?

Nesse tempo, entram alguns soldados, outros civis e Judas os guiando.

JUDAS: Salve, mestre!

Beija Jesus.

JESUS: Com um beijo, Judas?

JUDAS (*como lembrasse*): O beijo como a espada há de ferir e há de matar! O beijo como a espada! O beijo como a espada! (*A Jesus*) Mestre! (*Aos outros, erguendo a espada*) Homens, lutai!

TOMÉ: Fogo, espada e disputa!

Também Tomé e Pedro erguem as espadas.

JESUS: Parai! Guardai as espadas, homens impiedosos, quem ferir com ela por ela será morto! Não me seguistes pela espada, também por ela não ireis deixar de me seguir!

Jesus é preso e todos fogem, a não ser João e Judas.

JUDAS: Homens, o que fazeis?! Mestre!

JESUS: Fizeste-o, Judas, mesmo assim és absolvido, porque não há pecado que não tenha o perdão.

JUDAS: Não! Não era para ser assim!

JESUS: Assim mesmo, Judas, assim mesmo.

Levam Jesus. Judas grita atrás dele.

JUDAS: Nesta eu te pus, desta eu te tirarei, eu prometo, mestre, eu prometo! João, temos de libertá-lo!

JOÃO: Não podes parar! Tua espada começou isto, nela
queres refugiar-te? O que fizeste, Judas, o que fizeste?

JUDAS: Covardes! Tínhamos forças para esmagá-los! Eu
queria...

JOÃO: Querias o que, Judas, querias o quê? Jesus nos alertou
de seu suplício... Mas tu, Judas... Traidor!

JUDAS: Não! Eu...

JOÃO: Ora, Judas... Eu sempre soube...

*Sai João atrás de Jesus. Judas fica indicando gestualmente não
saber o que fazer, cai no chão em desespero.*

JUDAS: Ó meu Deus, a minha espada tornou-se impotente!
Que faço agora?! Que faço agora!? Entreguei meu
mestre como prisioneiro em mãos inimigas! O que
pretenderão fazer de Jesus? Jogá-lo-ão no calabouço
como a João Batista e depois...? Será como Fisto o disse,
meu Deus? Entreguei-o para a morte! Buscarei ajuda,
sim, buscarei ajuda e me refugiarei, porque quererão
matar-me.

Sai.

Cena VII

Verônica e Judas se encontram no palco.

JUDAS: Verônica! Ah Verônica, minha vida, me abraça, Verônica, deixa-me sentir-te me abraçar, porque eu preciso!

Verônica não retribui o abraço.

VERÔNICA: Onde estiveste, Judas?

JUDAS: Tive medo...

VERÔNICA: Medo... Te escondeste dos homens, mas de Deus não te podes esconder! Que fizeste, Judas? Que fizemos nós?

JUDAS: O arrependimento me corta, Verônica, me esmaga e me estoura as veias do coração, que dói, que dói até sorver a alma para a tortuosa escuridão! Mas não era para ser assim, não era, não era!

VERÔNICA: Ele foi condenado, Judas. Açoitaram-no, humilharam-no, dizem que traz uma coroa de espinhos na cabeça, cravando-lhe o crânio, doendo e vertendo

sangue sobre os olhos, apenas sangue há nos seus olhos... Todo ensanguentado ele definha sob o peso do lenho de uma cruz, pois que o obrigam a carregar o fardo da própria morte... e nela será dependurado, Judas... os corvos arrancam os olhos dos condenados e os cães devoram-lhe os pés, depois de sufocados pela miséria da cruz, depois da dor e da agonia da cruz, Judas! Jesus... como um maldito assassino, como um criminoso abjeto! Meu Deus, o que eu fiz?

JUDAS: Não fizeste nada...

VERÔNICA: Fiz! Ajoelha e reza, Judas, prostra-te ao chão, porque Deus há de nos castigar, Judas, Ele há de nos castigar!

JUDAS: Que fazer agora, mulher? É tarde. Nem mesmo os zelotes, nem mesmo os zelotes não me quiseram mais me apoiar, me ridicularizaram e ridicularizaram Jesus, que é um fraco, disseram, que não ergueria a espada nem para ferir, porque é tolo como uma mulherzinha, disseram. E riram, riram de mim e de Jesus, Verônica... Que fazer agora? Eu não sei. Eu não sei.

VERÔNICA: Ajoelha e reza, Judas, pede perdão, porque pecamos, pecamos de morte!

JUDAS: Ajoelhar... Talvez seja a única coisa a ser feita. Mas meus joelhos já doem, porque ajoelhei e é como me

ajoelhasse perante eles, perante os malditos romanos, e não me ajoelharei para eles. Isso deve acabar, mas não de joelhos, pois é como entregar a luta, é como dar por vencida a guerra, e não me entrego, Verônica, nem no mais fundo das trevas do inferno eu não me entrego, Verônica!

VERÔNICA: A guerra acabou, Judas, só nos resta o crime...

JUDAS: Crime! Não houve crime! Que crime há no nosso ato quando queríamos tornar a ordem ao mundo? Quando buscávamos a nova era do povo de Deus? Não há crime nisso. As intenções, as intenções eram as mais dignas...

VERÔNICA: Que importam as intenções, Judas, sejam boas ou más! Nada importam as intenções! Nós o assassinamos! Ele vem pensando em agonias para cá!

JUDAS: Não! Nós não o assassinamos! Ele morre sim, mas porque é como os zelotes disseram: um fraco.

VERÔNICA: Um fraco, Judas? Era o teu mestre, confiava em ti, e tu o que fizeste? Era um fraco mas tu é que fugiste e o abandonaste e o deixaste... morrer...

JUDAS: Eu não tenho culpa sobre o seu sangue...

VERÔNICA: Enxerga-te por dentro, homem, não te ocultes dos olhos o teu pecado! Enxerga-te por dentro!

JUDAS: O que vejo é uma rebelião de vontades e...

VERÔNICA: Olha! Se aproxima o mestre, vem para cá. Ajoelha e reza, Judas, ajoelha e reza e pede perdão!

Se ajoelha Verônica. Entra Jesus sob música triste, de braços abertos, simulando trazer o lenho nas costas. Ao meio do palco cai e Verônica vai encontrá-lo.

VERÔNICA: Senhor, Senhor! Pequei de morte contra ti! Esses espinhos que te cravam, meus também o são, essas feridas de teus joelhos, as abri também eu, o teu sangue que te cobre é sangue de minha parte também!... Senhor, Senhor! Deixa-me ao menos enxugar-te o teu rosto e limpar-te a tua face que eu sujei com meu pecado!

Tira o manto que lhe cobre a cabeça e limpa a face de Jesus.

JESUS: Verônica, tu e Judas, os dois, eu vos perdoo.

VERÔNICA: Não! Perdão não há para o meu pecado! O teu sangue unguirá minha memória dia após dia até que a morte me consuma!

JESUS: Verônica!

VERÔNICA: Não, Senhor, não sou digna! Teu perdão apenas me punge mais fortemente, Senhor, mereço o castigo!

JESUS: Verônica, não, Verônica!

VERÔNICA: Judas! (*Mostra o pano ensanguentado para Judas*)
Desse sangue tu tens parte. Olha para ele, não vires o rosto! Tu és assassino, Judas, e eu também! Jesus! Jesus!

*Entram os soldados a chicotear Jesus e mandando-o continuar.
Empurram Verônica que cai no chão em pranto maior e desesperado.*

JESUS (*em desespero*): O pecado é perdoado! O pecado é perdoado! O pecado é perdoado!

Saem Jesus e os soldados. Verônica estende as mãos ensanguentadas ou o pano para Judas.

VERÔNICA: Olha o que fizemos! Olha, maldito! Olha!

Sai desesperada. Judas cai de joelhos.

JUDAS (*como se lembrasse*): Uma mulher trazia as mãos ensanguentadas e lhas estendia e gritava em desespero, quando o céu desabava em chuva de sangue... (*Pausa*) quando outras mulheres choravam diante de uma cruz lágrimas de morte e uma multidão cuspia e blasfemava contra Deus... (*Pausa*) Como o não sabia!? Como o não sabia!? Atormenta-me o sonho de meu pai... Que símbolos ainda guarda?

Entra Fisto do mesmo lado em que Verônica saiu, traz consigo uma forca preparada com corda.

FISTO: Judas!

JUDAS: Fisto, por que não acreditei em ti, meu amigo?

FISTO: Não, não acreditaste e estás só!

JUDAS: O que queres dizer?

FISTO: Verônica está morta.

JUDAS: Não!

FISTO: Se atirou num terreno baldio, caiu de ponta cabeça, arreventou-se e suas entranhas se esparramaram.

JUDAS: Não pode ser! Por quê? Verônica era a lâmpa que me aclarava, a sua morte me esmaga de um vazio feroz que me esfaqueia o coração! O que me resta, meu Deus?

FISTO: Apenas uma coisa te resta, Judas, é hora do reconhecimento. (*Estende-lhe a força*) Faze o que tens de fazer!

JUDAS: Sim. Tu és meu amigo e me mostras o caminho reto. Tu, que ficas, conta aos outros que viveu com Jesus um homem, que era seu amigo e o queria ver reinar, mas tomado pela ignorância se entregou em enleios corruptos às trevas da noite, que lhe cobriram os olhos e toda a sua alma. Diz que no fim arrependeu e pôs-se na estrada sem volta, por isso enforcou-se e cumpriu a sua sentença, porque o crime era de morte.

FISTO: Vai e encontra uma árvore, ali amarra a corda e te dá cabo a essa vida que te amaldiçoou.

JUDAS: Sim. Mas diz que o traidor foi traído... (*Pausa*) O traidor foi traído... (*Pausa*) porque não hei de ser eu o traidor, Jesus é o verdadeiro traidor! pois que era esperado o rei de Israel, e tudo preparei para abrir-lhe o caminho. O povo o aguardava pela libertação. Mas ele

traiu o seu povo e entregou-o à miséria da escravidão. Eu ergui a espada em seu nome, e ele a derrubou de minhas mãos, porque me traiu. Jesus é o traidor! E eu outra vez erguerei a espada para o fim do império de Roma, lutarei até a morte e não, como o queres, me entregarei à morte nula de minha vida! Tu, Fisto, fica de sobreaviso: Eu darei a liberdade ao meu povo!

FISTO: Estás ferido pela cegueira! Toma a força, que ela é justa, que tu és o cão sedento, o cão que volta contra o dono!

JUDAS: *(Como se lembrasse, absorto em pensamentos)* O cão sedento... O sonho de meu pai! Um sacerdote lia em oração os livros sagrados repetindo: "Hosana! Hosana! Satanás carrega a força dos vencidos! Morte ao cão enraivecido! Morte ao cão enraivecido!" Quando ainda eu era um menino, um demônio me afligiu, fazia com que eu mordesse com raiva os que me cercavam, e de mim ele foi posto fora por... Jesus! sim, foi por Jesus menino e a mãe! A mulher de meu pai levou-me à sua presença, e foi posto fora do meu corpo na forma de um... cão enraivecido... um cão enraivecido... Assim o pouco que me lembro... Sim! Meu pai me deixou de sobreaviso: O Diabo usa o nome de Deus para te enganar, o amigo é inimigo. Claro! Tu, Fisto, tu... *(confirma com a cabeça)* tu não podes me vencer! Jamais! A ninguém, a ninguém! Tu és o cão enraivecido que me acompanha desde eu menino, mas que não pudeste me tomar, por isso tu... Sim! Afasta-te de mim, Satanás!

FISTO: Tolo! De que te adianta sabê-lo agora? Já estás perdido!

JUDAS: Não, porque não pudeste me induzir, fiz o que era de dever: Faze o que tens de fazer, ele disse, sim, pediu-me para que me não desviasse do caminho, porque assim deveria de ser... O sei agora... Agora entendo... Tudo o que lhe ocorre, o seu destino... Ele que me há escolhido, entre os doze me escolhera como um fecho... alguma coisa que eu não sei... porque ele sabia, desde o princípio ele sabia! O destino de Jesus e o meu: um e outro iam juntos por uma estrada só! Não traímos nosso caminho, sobretudo, não traímos o caminho que Deus nos pôs a caminhar! Não há traidor nem há traição em tudo isso! E tu, Fisto, tu, o Diabo, tu perdeste no final! O amor dele... em Deus... tão grande que... — Claro! Me arrependo de todos os meus pensamentos, como fui tão tolo! — O seu suplício... A sua paixão é como o amor, como o amor de um Deus capaz de amar desesperadamente! E eu fui escolhido. Ele me escolheu! Agora posso entender... Sim! Sim!

Sai.

FISTO: Meu coração está intimamente ligado aos corações dos homens. Todo o muito ainda é pouco para me vencer. Esses tolos pensam que o podem, mas eu, EU SOU O MUNDO!

*Sai e volta Jesus ainda simulando o lenho sobre as costas. Chega na cadeira, sobe nela e se põe de cócoras para que se execute a canção **Agonia**, de Oswaldo Montenegro. Maria, Madalena e João ficam aos pés de Jesus. Quase ao fim da canção Jesus levanta sobre a cadeira, estende os braços em cruz e grita:*

JESUS: Pai, é hora, o meu espírito em ti se consuma nessa dor atroz, toma-o, Pai, toma-o que o entrego em tuas mãos!

*Morre. Executa-se o **Réquiem Kirie Eleison** de Mozart, ao que seis homens, os apóstolos ou outros, entram e tomam Jesus nos ombros para passearem pelo palco e conduzirem-no para fora, para a sepultura.*

Cena final

Judas entra no palco e tromba com João. Ali também entram Pedro e outros.

JUDAS: João! João! Agora posso ver! O coração de Jesus me mostrou o caminho!

JOÃO: A ti, Judas, a ti, que traíste o nosso mestre, que o entregaste para a morte!

JUDAS: Não, João, tudo estava escrito... Esses três dias estive recluso e meditei e rezei, entreguei-me de corpo e espírito, depus-me nas mãos de Deus e de Jesus para que me mostrassem e pus-me a escutar, porque se antes estava endurecido, uma água nova desceu em minha alma, e...

PEDRO: Teu mal se fez irreparável, Judas!

JOÃO: Três dias passaram, três dias e o temor e a dor se implantaram em nosso peito aflito. A tua traição, Judas, rendeu a morte não só do mestre, mas também de nosso espírito, e tu dizes: “estava escrito”! assim! como se nada...! não aprendeste, Judas!?, digo, não puseste verdadeiramente a mão na consciência, homem!

JUDAS: Não, é justamente isso...

PEDRO: Assassino! Mataste o mestre! Te conduziu o maligno, Judas, pelo mal o fizeste e o mal habita em ti, porque és morada de Satã! És morada de Satã! Esperas o quê? que sejamos coniventes!? Teu mal se fez irreparável, Judas!

JUDAS: Não, Pedro, Simão como o meu pai, não, quero apenas que entendam...

PEDRO: Pois chegou a tua hora!

JUDAS: Não, Jesus virá em glória sob a trombeta dos anjos venturosos e...

JOÃO: Não para ti, Judas, não para ti! (*Ajunta uma das pedras no chão do palco e lhe apresenta*) Como o teu coração é esculpido pela pedra, também com a pedra te sepultaremos o coração maldito...

JUDAS: O que vais fazer, irmão?

JOÃO: Não me chames irmão, cão negro dos infernos!

JUDAS: (*Reminiscência*) E um cão negro uivava desnorteado, enquanto lhe atiravam pedras (*Pausa*). Não! Deixai-me viver! Agora que os meus olhos saíram da escuridão, dai-me poder ver a luz, porque se antes o meu coração era de pedra, agora o queima um fogo novo... Deixai-me viver! porque também eu quero proclamar a verdade, quero aprofundar-me nela e indicá-la no mestre, que ma deu, e quero vivê-la, quero viver a verdade que me foi dada! Não a podeis de mim! Eu preciso viver!

JOÃO: Verdade, Judas, a tua verdade...! Verdade é que deves morrer por teus atos! Para ti, só a morte, Judas, só ela pode te redimir!

JUDAS: Eu imploro pela vida, de joelhos eu me curvo!

JOÃO: Para o teu bem, Judas, traidor! Apedrejai-o!

Apedrejam-no com as pedras espalhadas pelo palco. Ele cai. Entra Verônica.

VERÔNICA: Parai! Parai! (*Vai até Judas*) Judas, meu amor! Judas! Judas! (*Para os outros*) O que fizestes? (*A Judas*) Judas! Judas, meu amor! Aqui estou eu, contigo! (*Para os outros*) Como pudestes ser capazes de tal ato abominável! O próprio Mestre não condenou a mulher adúltera, mas disse: “Quem não tiver pecado, atire a primeira pedra!” E vós todos escutastes e sabíeis. Quem sois para condenar à morte? Quem deu-vos esse direito? Jesus há voltado de entre os mortos, não morreu, vi-o em glória, puro e exuberado, e ele, ele! disse-me: “Não te culpes, nem a Judas, e não era esse o cálice da minha glória? Não podíeis, nem que o quisesses, afastá-lo de mim, porque não fostes vós que escolhestes, mas eu que vos escolhi.” E vós! vós pecastes duplamente: por matar um santo, sim, um santo, o escolhido, e por dar o nome de Deus ao ato diabólico!

JOÃO: Jesus há ressuscitado?

VERÔNICA: A sepultura está vazia.

PEDRO: Que dizes, mulher!

JOÃO: Vamos, Pedro, vamos verificá-lo!

Saem Pedro e João juntos e os outros se dispersam. Verônica fica com Judas.

VERÔNICA: És mártir do nome de Jesus, o primeiro depois de João Batista que clamava a sua vinda. Por isso o sangue do Mestre te acompanhará para a tua sepultura. *(Deposita no seu peito o pano com que enxugou o rosto de Jesus)*. Cuidarei da tua morte com as honras do homem guerreiro que eras e que morreu pela causa de todo um povo, com a força da tua espada, Judas, meu amor, minha vida...

*Executa-se a canção **Judas**, de Raul Santos Seixas.*

FIM

Segundo Teatro da Paixão

a paixão segundo o amor

Ato I

SEGUNDO TEATRO DA PAIXÃO

Cena I

Entra o Anjo Mau 2 (AM2) dos fundos falando...

AM2: Chegou a noite.

Silenciosamente, despiram o corpo da túnica
e deitaram a luz de seus medos
na espuma dos sonhos... do sono e da morte...

Chegou a noite

banindo o sol para depois dos montes e as encostas;

nem os prados verdejam,
nem os rios verberam,

os olhos tateiam o escuro perdidos...

o ciclo está cumprido.

a noite chegou.

Cena II

Se encontram Judas e o Acusador...

ACUSADOR: E então?

JUDAS: Disse que não viesse a meu encontro!

ACUSADOR: Esta terra é livre.

JUDAS: Não para todos nós.

ACUSADOR: Mas sobre o Nazareno...?

JUDAS: Disse que o entregaria no momento certo, ainda não é hora...

ACUSADOR: Disse que seria hoje...

JUDAS: Reúna os seus... e deixem que eu vá ao encontro de vocês...

ACUSADOR: Que não seja uma armadilha!

JUDAS: Não confia em mim?

ACUSADOR: Jamais, Judas, jamais!

JUDAS: Vá agora! Podem nos ver...

ACUSADOR: Tuas trinta moedas!

JUDAS: Será bem recompensado!

ACUSADOR: Isso é o que eu espero!

Sai o Acusador.

Cena III

JUDAS: Se Jesus erguesse um dedo a terra toda tremeria, e os reinos se desfariam como pó... Mas não, nunca... É hora, o mundo há de saber quem é Jesus!

Entra Maria.

MARIA: Aí está você, Judas! Viu Jesus?

JUDAS: Não vi.

MARIA: Estou preocupada, Judas...

JUDAS: Com quê?

MARIA: Jesus tem dito coisas estranhas...

JUDAS: Jesus fala em parábolas!

MARIA: Mas eu sou sua mãe, entendo-as no meu coração...

JUDAS: Pois eu não entendo Jesus, ele é rei, e há pouco lavou os pés dos discípulos como um servo...

MARIA: Judas, está sombrio, que te passa na mente?

JUDAS: Nada. O que poderia?

MARIA: Não sei, mas...

JUDAS: Mulheres: Sempre atrás de conversas!

MARIA: Não te conheço tanto, Judas, mas vejo que esconde algo, no teu coração...

JUDAS: Preciso ir, Maria, já é hora...

MARIA: Se vir Jesus diga que quero falar com ele...

JUDAS: Direi.

Sai Judas.

Cena IV

MARIA: Não sei: Tudo parece normal, mas meu coração por dentro parece tempestuoso. Treme de algum temor oculto que não poderia enxergar com meus olhos, mas que posso sentir – em minh’alma... meu filho esconde algo terrível de nós...

Jesus entra dos fundos sem ver a mãe primeiramente...

JESUS: Não te entendo, Pai! Não te entendo! Tive de eu nascer, aprender, tive de eu viver a vida e depois morrê-la, assim, como um criminoso ou que seja... Pai! Por favor! Tudo está a teu alcance, pai! Então... Deita a tua mão sobre mim e me dá teu conforto, pai, me repousa no teu espírito, me faz... Mãe? Que faz aqui, mãe?

MARIA: Queria ver como estava...

JESUS: Bem, mãe, bem!

MARIA: Isso é o que diz tua boca, mas não o que me conta o teu coração...

JESUS (*desamparado*): Por que, mãe, por quê?

MARIA: Que te aflige, filho?

JESUS: Mãe, minh'alma por dentro padece, meu coração dói... Parece que tudo gira em torno da minha cabeça como punhais que me apunhalassem as costas, como uma dor que eu não sei suportar, não nesse corpo de homem... Ah mãe, até mesmo minha fé duvida, oscila, dança como um medo no meu coração... Não sei se terei forças...

MARIA: Terá, filho... Só você poderá ter... Não há outra esperança...

JESUS: Não tem de haver esperança, mãe! Sabe: Às vezes penso: Quem sou eu? Quem sou eu para... Nasci de um homem, como todos os homens, do ventre de uma mãe como todos os outros... Fui criança, — tua criança, mãe, como aos outros homens —, cresci, aprendi, então... Quem sou eu, mãe? Quem sou para tanto?

MARIA: Filho, você não é uma criança como qualquer outra...

JESUS: Não sei, mãe...

MARIA: Deixa eu te contar uma história, filho, como àquelas noites em que você era pequenino e eu te falava sobre as coisas deste mundo... Antes de você nascer, filho, sua mãe se guardava para José — o teu pai que te adotou...

JESUS: Me adotou...?

MARIA: Sim, filho, te adotou...

Cena V

Entra Maria Menina ainda aos quinze (Maria M) num outro plano de luz com uma flor nas mãos... Senta... Entra José...

JOSÉ: Maria! Ouvi dizer que gostou da flor que te dei, então te trouxe outra, mais bela ainda — para a mais bela mulher que já vi!

MARIA M: José, por favor, pare de exageros...

JOSÉ: A tua beleza é um exagero de perfeição, Maria...

MARIA M: José, você fala dum jeito que me deixa envergonhada!

JOSÉ: Adoro te ver vermelha!

MARIA M: Olha que vou ficar convencida, José, e então vou te desprezar...

JOSÉ: Não! Não me despreza... Também me ama...

MARIA M: Não posso contigo, José, não posso! Vai buscar água no poço...

JOSÉ: Hã? Água no poço?

MARIA M: É, preciso ir buscar água no poço, vai pra mim, que é muito pesado...

JOSÉ: Senhorita: Teu pedido é uma ordem... Estou indo!

Sai José.

Cena VI

*Algum barulho, algo forte e sombrio assusta Maria após José sair...
Entra o Anjo Gabriel.*

MARIA M: Meu Deus, o que é isso? Quem é você?

GABRIEL: Não tenha medo, Maria, sou um anjo do Senhor, Deus me mandou até ti... Ele te escolheu entre todas para dar a salvação ao mundo...

MARIA M: Eu? Mas sou só uma simples mulher, que posso eu fazer?

GABRIEL: Darás à luz um filho...

MARIA M: Não, eu sou pura...

GABRIEL: Este filho não maculará teu seio de pureza, Maria, pois o conceberá através do Espírito de Deus...

MARIA M: Do Espírito de Deus? Mas não posso, tem José e vou me casar com ele!

GABRIEL: És a escolhida entre milhares, e pelo teu sim virá Deus ao mundo como homem...

MARIA M: Mas eu... Como posso confiar em você?

GABRIEL: Diga sim, se teu coração mandar...

MARIA: Mas...

GABRIEL: Maria, pelo teu sim o mundo conhecerá a verdade...

MARIA M: Se realmente Deus me escolheu para ser a mãe de seu filho, diga a ele que sim, aceito... Diga que meu corpo e minh'alma pertencem somente a ele, eternamente...

GABRIEL: Pois então a semente da fecundidade habitará teu ventre puro a partir deste dia... Abençoada és tu, mulher, entre todas as mulheres... Darás à luz um filho de nome Jesus, e ele será rei, e reinará no mundo e para além dele...

MARIA M: Seja feita a vontade de Deus...

O Anjo foi-se...

Cena VII

José volta.

JOSÉ: Maria, aqui está... E agora: O que ganho com isso?

MARIA M: José...

JOSÉ: Meu Deus, está pálida, que te aconteceu, Maria?

MARIA M: Darei à luz um filho, José...

JOSÉ: Um filho? Que quer dizer com isso?

MARIA M: Um anjo, José... veio e disse... Deus me escolheu para dar à luz seu próprio filho...

JOSÉ: Então... quer dizer que está grávida?

MARIA M: Sim, José. Estou.

JOSÉ: Quem foi o desgraçado!

MARIA M: Não, José, ninguém...

JOSÉ: Sabe o que fazem com as mulheres adúlteras, Maria? Apedrejam, até à morte...

MARIA M: Mas eu não fiz nada, José, me escuta!

JOSÉ: Então quer que eu acredite que Deus te escolheu entre todas para... ser a mãe de seu filho?

MARIA M: É verdade, José, é verdade, te juro...

JOSÉ: Maria, você me matou por dentro, não te chamo de prostituta agora porque ainda te amo muito pra isso! Mas adeus, Maria!

MARIA M: Não, José, acredita em mim, é verdade!

JOSÉ: Adeus, Maria! Pra sempre!

MARIA M: José...

Música "José" com Rita Lee... Sai primeiro José que hesita depois Maria que chora... Cena volta a Maria e Jesus no tempo atual...

Cena VIII

Vem Pedro pelos lados...

PEDRO: Jesus! Jesus!

JESUS: Pedro? Diga, Pedro, o que é que foi?

PEDRO: Os outros querem saber se devem esperar ou podem ir dormir...

JESUS: Onde estão todos, Pedro?

PEDRO: Ali adiante, Jesus...

JESUS: A hora se aproxima... Pedro, vá até aos outros e diga-lhes que orem, que orem comigo, pois que hoje a escuridão virá sombria, virá como a mortalha que tapasse o sol, Pedro, nem as estrelas nem o brilho da lua terá poder contra as trevas, não nestes dias... Ouça o que te digo e diga isso aos outros... Que orem, que velem, que me acompanhem no meu sofrimento...

PEDRO: Senhor, há gotas de sangue vertendo de teu rosto...

JESUS: É o sangue que hei de derramar, Pedro, por todos... Pedro, — Você, Tiago e João, peço que permaneçam

por perto e vigiem comigo... Sejam meus olhos nesta noite... Vigiem comigo para que eu tenha forças...

PEDRO: Estaremos aqui...

JESUS: Vá então, Pedro, e não me perturbem no meu silêncio, não até que... Vá, Pedro, agora vá! Mãe, que a força que corre nesse teu coração imenso de mulher seja o sangue de minhas veias para que eu suporte tudo o que virá...

MARIA: Não entendo as tuas palavras, Jesus, são como a noite, pardas e distantes...

JESUS: A hora se aproxima, mãe! Ore com as outras, chame Madalena e orem, mas agora, mãe, me deixe só, — preciso poder ser fraco, preciso poder chorar, mãe...

MARIA: Te deixarei só, filho, pra que dentro de você, na tua humildade, você possa encontrar-se consigo mesmo, e ali encontrar a força que você precisa... Mas meu coração não te deixará só, filho, ele vai contigo, no sangue e na dor, filho, mas vai contigo!

JESUS: Mãe! É teu o sangue que corre nestas veias...

MARIA: A minha bênção, filho!

Maria sai.

Cena IX

JESUS: Pai! Este coração de silêncio, este coração solitário e calado, este coração que escondera dos olhos o sofrimento da cruz, o flagelo e a dor, este coração de tristeza desespera, padece no medo, Pai, ele se curva em receios e hesita, dói, dói uma dor de uma angústia infinita, um presságio de fogo e de morte... Se é possível, Pai... Se é possível abrandar o sofrimento deita a Tua graça sobre meus ombros, e não o lenho de minha condenação. Se é possível, Pai, porque a Ti tudo é possível, Tu o podes, podes tudo, então se é possível, Pai!, afasta mim este cálice de mim! Livra-me deste peso! Se é possível, Pai, mas não se não o seja da Tua vontade... Porque, ah Pai, esta dor me fere profundamente, mas seja tudo conforme queres, e não como este coração constrangido pelo medo o peça, porque ele é frágil, Pai, ele teme, e este temor me oprime... Não sei se eu, Pai, eu, teu filho, se poderei suportar, se poderei suportar tudo o que virá, não sei, não nesse silêncio atormentado, nessa angústia emudecida, nesse desespero de morte... Me livra ao menos disto, Pai, me livra de sabê-lo, me livra desta consciência de tudo o que me acontecerá! Deita em mim a ignorância ou traz as horas mais pra perto e que tudo se passe sem que eu perceba, Pai! Por favor! Dormem, meus discípulos dormem... Estou só, Pai, só! Pai, deita sobre mim a serenidade dos céus! (*Entra Judas e os soldados*) Judas?

JUDAS: Sim, mestre, e não venho só, trago o templo e a voz de nosso povo, pois você será entregue...

JESUS: Judas?

JUDAS: Sim, mestre, posso te beijar a face?

JESUS: Com um beijo, Judas? O mesmo gesto de quando o irmão ama o irmão... O mesmo de quando o próximo acolhe o próximo em sua vida... O gesto do amor... Com este beijo, Judas, me deu tua traição, receba agora o meu perdão!

SOLDADO 1: Peguem ele!

Os soldados vão pegar Jesus e Pedro desfere um golpe de espada no ouvido do soldado 3 que cai ao chão arremessando o capacete... Os outros vão se enfrentar, mas Jesus entra no meio empurrando todos...

JESUS: Não! Vieram procurar a Jesus de Nazaré (*vai e cura o ouvido do Soldado 3*), pois aqui estou eu, podem me levar...

SOLDADO 3: Ainda há sangue, mas não sinto mais dor, — o ferimento se curou! Meu Senhor e Meu Deus!

JESUS: Pedro, agora guarda a tua espada, não pedi que tivesse uma quando te escolhi... Podem me levar...

O Soldado 1 faz sinal receoso para o 2 pegar Jesus, o 2 hesita...

JESUS: Não precisa ter medo...

O 2 joga Jesus ao chão quando o 1 chuta o estômago de Jesus e o levam depois receosos... Todos se dispersam e saem, menos Judas...

Cena X

*Fica apenas Judas em cena e das sombras sai o Anjo Mau 1 (AM1)
em aplausos para Judas...*

AM1: Bravo, Judas, bravo!

JUDAS: Quem é você?

AM1: Tanto faz, Judas, tua consciência talvez... Viu o que fez, Judas?

JUDAS: Fiz o que devia ser feito...

AM1: Matou teu mestre!

JUDAS: Não diga isso! O que você sabe, menina? Se Jesus erguer um dedo sequer todos cairão à sua frente, a seus pés...

AM1: Mas Jesus não erguerá dedo algum, Judas... Ele vai morrer, e a culpa é tua...

JUDAS: Tem muita coragem, menina, pra me afrontar dessa maneira!

AM1: E o que você vai fazer? Me entregar aos soldados!

Ameaça bater...

AM1: Ele levará a cruz sobre as costas por todo o calvário para ser pregado nela, Judas, para morrer crucificado,

depois de ser açoitado e humilhado... Judas, Jesus vai morrer...

JUDAS: É mentira...

AM1: Não, Judas, não é, mas deixe-me ir, mais tarde voltarei para conversarmos...

Sai o anjo... Judas fica aflito...

Cena XI

Entram Pedro e João... Judas está sentado e Pedro entra empunhando a espada no seu pescoço...

PEDRO: Judas, seu desgraçado, se prepare pra morrer!

JUDAS: Pedro, eu...

PEDRO: Entregou Jesus ao inimigo! Sabia que queriam matar Jesus, e o entregou mesmo assim...

JUDAS: Não, Pedro, eu...

PEDRO: Quietos!

JOÃO: Pedro, agora pare com isso...

PEDRO: Isso! Vai! Defende o traidor!

JOÃO: Não pague com sangue a dívida do espírito, Pedro...

PEDRO: Pois hoje há de ser com sangue!...

João desarma num golpe surpresa a Pedro...

JOÃO: Vá, Judas, vá embora daqui!

PEDRO: Por que fez isso, João?! Ele nos traiu, a todos nós!
merece a morte, João!

JOÃO: Não, Pedro, todo pecado tem seu perdão em Deus...
Lembra a adúltera, Pedro?

Cena XII

*Entram três homens empurrando uma mulher com pedras na
mão... Eles vêm esbravejando contra ela: Prostituta! Víbora!
Adúltera! Jogam-na – que implora que parem – aos pés do
altar... Madalena e Maria entram pelas duas extremidades...*

ADÚLTERA: Que eu fiz pra vocês?!

HOMEM 1: Achava bonito trair teu marido? Agora chora,
chora como uma prostituta!

ADÚLTERA: Eu não fiz nada! Por favor!

HOMEM 2: Tem uma última prece, mulher? Se tem que diga
agora ou senão!

ADÚLTERA: Não, por favor, estou arrependida, eu errei
mas!

HOMEM 1: Agora se arrepende!

Ameaça apedrejar como chacota... Riem...

ADÚLTERA: Se eu fiz o que fiz, era a minha vida, eu tinha os meus motivos!

HOMEM 2: Ah, a mocinha teve os seus motivos...

HOMEM 1: Acho que a gente podia ter um motivinho juntinhos nós dois também, não?

HOMEM 3: Vamos acabar com isso!

Vão atirar as pedras entra Jesus...

JESUS: O que está havendo aqui?

HOMEM 3: Essa aí é adúltera...

HOMEM 1: Quando seu marido deixava o lar ela se deitava com outros...

HOMEM 2: E por dinheiro, na cama do esposo!

JESUS: Mas o que justifica que façam isso com ela?

HOMEM 1: Você é que é o tal Jesus, o Nazareno, não é? Ouvi falar de você... A lei diz que devemos apedrejá-la... Ou você desrespeita mesmo as escrituras, Jesus?

JESUS: Mulher, você confessa a acusação?

ADÚLTERA: Pequei, senhor, pela fraqueza da carne, porque sou frágil como toda mulher...

Jesus se abaixa e medita riscando o chão...

HOMEM 1: Tem algo a dizer, Jesus? Se calou.

JESUS: Quem não tem pecado atire a primeira pedra.

Os homens hesitam e acabam saindo sem atitude...

ADÚLTERA: Senhor, seja quem seja sou sua serva, faz comigo o que quiser...

JESUS: Pois nada quero de ti. Apenas vai e não peque mais, somente isso.

ADÚLTERA: Sim. Obrigada, senhor!

Sai a adúltera.

JESUS: Não há pecado sem perdão... Todos ouçam: O homem criou o pecado quando resolveu ser mau, mas Deus, antes mesmo de criar o homem, já tinha no Espírito Eterno o perdão no seu coração...

Sai Jesus.

Cena XIII

Maria e Madalena se encontram no centro...

MADALENA: Quem é este?

MARIA: Seu nome é Jesus, ele prega os ensinamentos sagrados...

MADALENA: Pois nunca vi na vida alma tão cheia de perdão...

MARIA: Eu sei, ele é único...

MADALENA: Como posso ouvir seus ensinamentos...

MARIA: É só segui-lo...

MADALENA: Mas eu posso?

MARIA: Todos podem... Como é seu nome?

MADALENA: Maria... Maria Madalena...

MARIA: Então venha comigo, Madalena, eu sou a mãe de Jesus... Venha!

Cena XIV

Cena volta para Pedro e João...

PEDRO: Mas Judas vai pagar pelo que fez, senão com o sangue mas com o espírito... Ele não terá sossego em sua alma, e vai morrer por isso...

JOÃO: Deixe a Deus o julgamento final...

PEDRO: Tem razão, mas às vezes a raiva é mais forte que nosso coração de homens... Vou em busca de Jesus...

Judas renegou ao espírito do mestre, eu preferiria morrer com ele que negar o seu nome uma só vez!
Morreria!

JOÃO: Eu vou ver como estão as mulheres...

PEDRO: João, vamos libertar Jesus, nem que seja pela espada, João, nem que seja pela espada!

Saem Pedro e João, um para cada lado...

FIM DO PRIMEIRO ATO

Ato II

Cena I

Música. Entra Pilatos, a mulher de Pilatos e o Acusador.

PILATOS: De que acusam o nazareno?

ACUSADOR: O crime é de morte!

PILATOS: Mas que crime?

ACUSADOR: Jesus subverte o povo com mentiras.

PILATOS: Mentiras são mentiras, mais tolo é quem acredita nelas.

ACUSADOR: Mas o povo acredita em Jesus, e ele se diz rei.

PILATOS: E vocês? dão ouvidos para tantas besteiras?

ACUSADOR: O povo o ouve, e ele se pronuncia contra Cezar, deve morrer para servir de exemplo antes que crie uma rebelião!

MULHER DE PILATOS: Pilatos, sonhei com este homem, sei que é um homem santo... não o condene, Pilatos, ou te pesará a culpa da condenação de um inocente.

PILATOS: Você tem a carne fraca, mulher.

MULHER DE PILATOS: Não a carne, Pilatos, este homem me fala ao coração.

PILATOS: E que te fala ele?

MULHER: Não me fala em palavras, sua alma é maior que os discursos dos homens... Me fala a meu espírito, como se falasse em línguas que a razão de nosso povo não compreenderia... Me fala como quem ficasse mudo e me dissesse coisas escondidas em seus olhos e no seu coração... Me fala como um santo, não como um homem, Pilatos... Seu sangue cairá sobre a sua cabeça se você mandar matá-lo.

PILATOS: Soltarei Jesus.

ACUSADOR: Não o fará!

PILATOS: Farei, quem me impedirá?

ACUSADOR: O povo pede a sua condenação... Ou também você é contra Cezar?

PILATOS: Cuidado com o que diz, homem...

ACUSADOR: Mas se deixar ele viver é contra Cezar, e é contra todos. Crucifica-o!

PILATOS: Querem crucificá-lo por interesses próprios...

ACUSADOR: Os interesses do Templo são os interesses de todos...

PILATOS: Todos quem?

ACUSADOR: O povo, Pilatos... E se eles se rebelarem?

PILATOS: Mas não vejo culpa neste homem...

ACUSADOR: Crucifica-o!

PILATOS: Não posso!

ACUSADOR: Pode, pode, você tem o poder nas mãos...

PILATOS: Mas não, não posso...

ACUSADOR: Pilatos, também nós temos poder sobre este povo, Pilatos, pensa!

PILATOS: Se é pelo bem de todos...

MULHER DE PILATOS: Pilatos, te digo que este homem não tem culpa nenhuma! Crucificá-lo será cometer maior crime do que o acusam!

PILATOS: Talvez não seja certo o que vou fazer, mas estou preso a este povo como quem o governa e o lidera, tenho de dar-lhe o meu consento.

ACUSADOR: Crucifica-o. Crucifica-o e o povo te recompensará!

PILATOS: Se eu não fizer, perderei o apoio do templo e...

ACUSADOR: Não pense, Pilatos, faça, seja o líder que esperamos que seja!

PILATOS: Não por mim. (*Música*). Lavo as minhas mãos do sangue deste inocente.

ACUSADOR: Bravo, bravo! será recompensado por isso!

PILATOS: Pois então façam o que querem, mas vão embora daqui!

Vitorioso sai o acusador se rindo. Saem Pilatos e a esposa. Música.

Cena II

Entra o povo, os judeus, fazendo uma pequena turba de gente pela igreja... Entra Pedro sombrio então e Madalena, que está mais à frente, vem ao seu encontro...

MADALENA: Pedro! O mestre...

PEDRO: Eu sei, Madalena...

MADALENA: Vocês têm de fazer alguma coisa!

PEDRO: Fazer o quê, Madalena, todos fugiram, se esconderam... São uns covardes!

MADALENA: Mas não podemos ficar parados...

PEDRO: Fica tranquila, mulher, trouxe a minha espada, e se outra coisa não puder contra eles, usarei ela...

MADALENA: Mas eles são muitos...

PEDRO: Madalena, nunca deixei que o medo me acuasse, sou forte.

MADALENA: Não adianta eu ficar aqui, vou ver Maria...
Veja o que pode fazer, Pedro...

PEDRO: Mas vá, Madalena, uma mulher não pode nada aqui aos pátios do governo... Vá e veja se reúne os outros, precisamos de força, não de covardia...

MADALENA: Sim! Sim, Pedro!

Sai.

JESUS (*microfone*): Não nesta noite, Pedro... Hoje todos vocês me abandonarão, se esconderão como ratos... Mesmo você, Pedro... Você diz que morreria comigo se preciso fosse, mas ainda hoje me negarás o meu nome, três vezes, antes de o galo cantar...

PEDRO: Não, Jesus, não te negarei, jamais...

O povo começa a olhar para Pedro desconfiado e comentar... Uma mulher do povo vai sair e para diante de Pedro...

POVO 1: Você, você é discípulo de Jesus...

PEDRO: Eu?

POVO 1: Sim, você!

PEDRO: Não, você está enganada, não sou...

Ela vai até outras duas e conversa... Uma delas vai até aos homens... As duas vão até Pedro...

POVO 2: Você é um deles...

PEDRO: Não te entendo...

POVO 3: É sim, vi você com ele, seguia Jesus!

PEDRO: Não, não, jamais! (*Pedro se vira e dá de cara com os homens...*)

POVO 4: Você é Pedro, discípulo de Jesus, eu te conheço, é um deles!

PEDRO: Não!

POVO: Você é sim!

PEDRO: Não sou, não sou, parem com isso, eu não! Não sou!

O sino bate. Pedro cai de joelhos.

PEDRO: Perdão, Senhor, perdão!

Sai e o povo se dispersa sob o som de sinos...

Cena III

NARRADOR: Julgado, condenado e só, Jesus receberia então a cruz que pesaria seus ombros e seguiria o caminho do calvário, depois de ter sido açoitado e humilhado pelas forças romanas. A mesma cruz que era reservada aos

maiores criminosos de seu tempo Jesus levaria para ser pregado nela e nela sofrer a paixão derradeira. Na cruz, um homem morria asfixiado pelo peso do próprio corpo sofrendo uma dor sufocante que lhe levava aos poucos ao padecimento de suas forças até à morte. Depois, o corpo ficava suspenso no lenho para que todos pudessem ver e normalmente os cães e os abutres vinham comer os cadáveres que ali ficavam.

Ao sino de morte, após a narração, entram mulheres idosas vestidas em preto rezando o terço. Se ajoelham em genuflexórios à frente do altar. Em seguida, sob música, entrarão os ministros com a cruz aos ombros e percorrerão em procissão a igreja enquanto é lida a oração “Mea Culpa” (anexo: “Ato de Contrição; Procissão da Via-crucis”¹) sob música. Três vezes se ajoelharão com a cruz aos ombros representando as três quedas de Jesus. Apresentam a cruz ao povo à frente do altar, ajoelham perante ela e saem em quando canta-se o “Tantum Ergo”. Os soldados erguem então a cruz em que Jesus será crucificado... Ao fim do canto, depois de as senhoras reverenciarem a cruz, os soldados a põem de volta abaixo...

Cena IV

JESUS: Eles me bateram, me deram socos e pontapés, me torturaram e me açoitaram, me humilharam, cuspiram na minha face como eu fosse algum criminoso sujo e merecedor de ódio, me puseram sobre a cabeça uma coroa de espinhos e me chamaram de rei se rindo de quem eu era, se rindo de minha fé, de meu credo, de minha verdade... Eles rasgaram a pele que cobria meu

¹ O anexo, aqui citado, encontra-se ao final do livro.

corpo com açoites e pancadas e, por fim, as carnes vivas que me cobriam deixaram-me as veias exíguas de sangue, secas com o sol, – num certo momento meu corpo vertia água, pois já não havia nele sangue para derramar... Eu segui com a cruz mudo e em silêncio, sem chorar uma lágrima, pois tudo em mim era dor, tudo em mim era asfixia e sofrimento, tudo em mim me pesava – mesmo os meus ossos, se tornavam pesados, como se meu corpo curvasse sobre minhas pernas de tal forma dorido que eu era espremido contra meus pés, enquanto caminhava e rasgava meus calcanhares e joelhos nas pedras pontiagudas do calvário... Não, nenhum deles teve piedade – em nenhum momento, e aqueles que me amavam tinham que chorar em silêncio... Cheguei ao topo, me pregaram à cruz furando os tendões de meu braço com pregos longos e os meus pés com outro prego ainda maior que me impossibilitava de apoiar meu corpo para poder me livrar da asfixia – do peso que espremia meus pulmões por dentro me fazendo morrer... E depois, eu morri...

Os soldados o jogam sobre a cruz e vão pregá-lo, quando começa uma música e um clima que os faz parar...

Ato II Cena V

O Anjo Mau 2 entra e joga um feitiço sobre os soldados que caem dormindo...

AM2: Venha, Jesus!

JESUS: Pra onde?

AM2: Vem comigo, Jesus!

JESUS: Mas quem é você?

AM2: Teu pai me mandou, disse que você já sofreu demais...

JESUS: Você é um anjo envidado por meu pai...?

AM2: Venha, Jesus, – tudo isso é um erro, teu coração de homem se enganou... Venha comigo...

Dá a mão para o anjo e sai da cruz...

JESUS: Não sinto mais dor... Minhas feridas não doem mais...

AM2: Não precisa mais sentir dor, Jesus, chega...

JESUS: Mas se eu não passar por isso então...

AM2: Todos pensarão que morreu, ninguém saberá que abandonou a cruz, Jesus, deixarei a ilusão de que tudo acabou... É só vir comigo, Jesus, deixa eu guiar tua alma...

JESUS: Mas eu comecei isso tudo e agora...

AM2: Teu coração de homem te engana, Jesus, você é o filho de Deus, esta dor não é pra você... Me entrega tua alma e vem comigo, Jesus...

JESUS: Mas se eu não passar por isso tudo então de que valerá ter chegado até aqui? Talvez a ilusão cegará os

olhos daqueles que me olham, mas não poderá cegar minha alma por dentro, e para mim eu não terei cumprido meu destino...

AM2: Mas teu pai, Jesus, ele disse que não precisa passar por isso, obedeça...

JESUS: Nunca desobedeci meu pai, tudo que fiz foi seu Espírito que me mostrou, e eu fiz tudo o que Ele mandou... Mas se meu pai disse que não precisava mais sofrer, terei de desobedecê-lo uma vez em minha vida... Não abandonarei a minha cruz, porque meu coração diz que devo continuar...

AM2: Não seja tolo, Jesus...

JESUS: É assim que tem de ser... Diga a meu pai que escolhi padecer na minha cruz, pois por ela darei ao mundo a remissão — e não é certo que eu não passe por isso...

AM2: Não, Jesus, você tem de vir comigo, agora!

JESUS: Não me tente, menina...

AM2: Te ordeno que venha, Jesus! Me dê sua alma para mim!

JESUS: Não pode me ordenar a nada! Você não vem em nome de meu pai?, por que tenta me enganar? Vai-te daqui e diga a meu pai que irei ao seu encontro, mas que minha alma não abandonarei nem aos anjos nem ao tentador...

AM2: Cumpra seu destino então, Jesus, mas não diga que não te avisei: os homens são maus, não merecem teu perdão...

JESUS: Teu nome é Lúcifer, volta às tuas trevas e me deixe de uma vez por todas, pois hei de fazer o que vim para o mundo fazer, e se isso significa esta dor, terei de passar por ela...

AM2: Tanto faz, Jesus, o homem se perderá outra vez, com ou sem sua morte! Agora morra, Jesus, morra!

Sai sob música e à saída acorda os soldados e vai...

Cena VI

SOLDADO 2: O que foi isso? O que aconteceu co'a gente?

SOLDADO 1: Foi esse bruxo, nos enfeitiçou!

SOLDADO 2: Desgraçado! vai ter o que merece!

Açoitam Jesus... Jogam ele sobre a cruz e o pregam enquanto Jesus brada: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes!" ou "Eloi, eloi, lama sabactani!" A cruz é suspendida...

JESUS: Pai, cuida que a minha morte seja breve, pois a dor é muita, e o cansaço desta vida me abate...

MARIA: Filho!

JESUS: Mãe, não chore, mãe, isso tudo é necessário para depois o mundo conhecer a verdade...

MARIA: Não me peça para não chorar, filho, você é tudo que tenho neste mundo, não me peça para não chorar...

JESUS: Chora então, mãe, mas seja este choro o teu consolo, e não tua ruína, pois eu hei de voltar... Não te preocupe, mãe... João, eis sua mãe de agora em diante... Mãe, eis teu filho que te velará...

SOLDADO 1: Deixem o criminoso!

JESUS: Ah pai, abranda minha dor, porque dói muito, meu corpo e minh'alma... Abranda, pai, abranda a minha dor!

Canto "Ninguém te ama como eu"...

JESUS: Tudo está consumado. Pai, toma minh'alma, pai, que em tuas mãos entrego agora o meu espírito!

Morre...

Cena VII

Música... Retiram o corpo de Jesus da cruz e o dão ao colo de Maria...

MARIA: Dorme, criança minha, dorme, dorme agora que tudo acabou...

Tiram Jesus dos braços da mãe e conduzem o corpo para fora na maca...

Cena VIII

Judas estava escondido e vê o corpo de Jesus ser levado... Entra o Anjo Mau 1...

AM1: E então, Judas, agora acredita em mim?

JUDAS: Eu não pensei...

AM1: Não, Judas? Não pensou? Você o matou!

JUDAS: Não!

AM1: Matou, Judas.

JUDAS: Eu talvez tenha errado no meu julgamento...

AM1: E o que vai fazer agora, Judas?

JUDAS: Não sei, eu não sei...

AM1: Só há uma coisa a fazer, Judas...

Aponta a entrada do AM2 com os quatro de preto trazendo a forca na mão...

JUDAS: Sim, porque mereço... Eis que me dou a morte...

Enforcamento... Levam o corpo...

FIM DO SEGUNDO ATO

Ato III

Cena Única

Estão Tomé, Pedro, João, Tiago, Maria e talvez outros em cena...

MARIA: Por que tem de ser tão injusto este mundo, por quê?

TOMÉ: Maria, de nada adianta chorar agora...

MARIA: Ele era meu filho, não me peça para não chorar...

TIAGO: E o que vamos fazer agora?

PEDRO: Não penso em nada senão orar, orar e pedir a Deus...

TOMÉ: Somente orar não nos levará a nada!

MARIA: Jesus disse alguma coisa sobre que voltava, voltava da morte... Acredito que queira que o renasçamos em nossos corações...

PEDRO: Nossos corações estão chagados e sombrios...

TIAGO: Mas temos de avivar a luz que ainda existe neles...

MARIA: Temos... Mas também eu não sei que devemos fazer agora...

Madalena entra...

MADALENA: Maria! Maria! Teu filho!

MARIA: O que foi, Madalena?!

MADALENA: Teu filho, ele ressuscitou!

MARIA: Quer dizer que está vivo?

MADALENA: Veio até mim, ele não morreu...

MARIA: Como assim?

TOMÉ: Madalena, pare com isto...

MADALENA: É verdade, Tomé!

TOMÉ: Mulheres, o que não inventam...

MADALENA: Não, não estou inventando, ele voltou da morte...

TOMÉ: Pois não posso crer nisso...

MARIA: É verdade, Madalena?

MADALENA: É, estou dizendo, é!

TOMÉ: Pois eu não acreditarei, não se não puder tocar as chagas do mesmo cristo que morreu naquela cruz...

MARIA: Pois creia, Tomé...

JESUS: Sim. Aqui estou eu... Pode tocar minhas chagas agora, Tomé, sou eu, de carne e osso...

TOMÉ: Meu Senhor e meu Deus!

JESUS: O mistério está cumprido. Escutem o que eu lhes digo: Vim para pregar a paz e a compreensão entre os homens... Nenhuma oração nem nenhum credo é válido se nesta mesma fé não houver o amor ao próximo e aos irmãos... Lembrem de mim: Eu não discriminei um só homem, não tive preconceito nem julguei meu próximo pelo que era ou pelo que se tornaria... Cada homem tem um sentido em seu coração, uma razão, uma verdade; deixem que cada um siga como queira, desde que faça o bem e cumpra os ensinamentos do amor... Deixem que vivam e que façam viver... Vão agora e digam para o mundo que o seu senhor ressuscitou dos mortos e trouxe a verdade a todos... Eis que estarei com vocês, até o fim do mundo...

Saem todos e Jesus para a mãe que fica um pouco atrás dos outros perto dele...

JESUS: Mãe, mas me diga agora: o que aconteceu depois que você e José se desentenderam...?

MARIA: Ah, filho, depois?... Depois... você nasceu...

Música. Entra aos fundos Maria Menina e José com o filho...

FIM

Anexo

Ato de Contrição
Procissão da Via-crucis

Mea Culpa

**minha culpa,
minha tão grande culpa.**

todos

**minha culpa,
minha tão grande culpa.**

por cada queda.
pelos joelhos lançados ao chão,
machucados,
feridos.
pelo peso nos ombros e a cruz sobre as costas.
pelos pés sem calçado cravados de pedra,
cansados e lentos, romeiros,
sofridos.
pelos espinhos. pelas espadas.
todos

**minha culpa,
minha tão grande culpa.**

por cada ferida.
pelo seio sem leite da mãe adoecida.
pela prece escondida, iludida, o desespero dos fracos.
pelos meus atos.
pela fome e a miséria
do
irmão. todos

**minha culpa,
minha tão grande culpa.**

pelo erro. por cada palavra de humilhação e desprezo.
pela falta de zelo ao irmão que precisa.

pela espera eterna de quem nunca conquista.
pela alma sem
vida.
pelo pão que faltou.

todos

**minha culpa,
minha tão grande culpa.**

pelo que cala. por aquele que acaba
sozinho e isolado, abandonado.
pelo juízo enganado. o preconceito. o insulto.
porque pensei ser eu muito
e orgulhoso caí.
todos

**minha culpa,
minha tão grande culpa.**

por cada soluço.
por cada sepulto sem túmulo ou cruz
deixado sem prece à mercê
desvalido.
pelo riso inimigo. pela falta
de fé. todos

**minha culpa,
minha tão grande culpa.**

por cada inocente.
pelo doente deixado no leito à agonia.
pela desordem e a lei não cumprida.
pela política,
o roubo e a prisão.

todos

**minha culpa,
minha tão grande culpa.**

por minha conduta.

porque deixei que morressem, sofressem,

porque eu não dei meu perdão.

por não ter sido eu irmão.

por eu ter pensado na minha soberba que eu fosse melhor,

que eu fosse maior, que eu fosse uma ilha.

por ter negado ao irmão minha vida.

por ser estúpido e às vezes matar.

porque não amei quem de todo

me amou.

por tudo isso,

senhor:

todos

**minha culpa,
minha tão grande culpa.**

minha culpa, só minha.

amém.

a paixão de cristo

andré boniatti

2011

160